

---

# MINIS / ÉRIO

---

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



**Compreendendo Israel  
na profecia**

## DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

# Rebanho especial

**E**mbora reconhecendo que os filhos não são obrigados a seguir a carreira profissional de seus pais, gostaria de partilhar sete idéias práticas, enumeradas por Virgínia Smith, diretora do Ministério da Criança da Associação Geral da IASD, que podem ajudar a despertar em nossos filhos a alegria de servir no ministério pastoral.

**1. Seja amigo dos seus filhos.** Isso envolve investimento de tempo para estar com eles. Conhecê-los e aceitá-los como indivíduos. Lembre-se de que seus filhos não são propriedade sua. Pertencem a Deus, que tem um plano para eles. À medida que você mantém um relacionamento íntimo com os filhos, eles estarão ligados a você e, conseqüentemente, amará as coisas que você ama. Estudos revelam que os pais que investem adequado tempo com suas filhas, protegem-nas do sexo pré-marital, porque elas experimentam um correto relacionamento com o sexo oposto no lar.

**2. Dignifique o ministério.** Seus filhos refletirão suas atitudes em relação aos desafios que afetam a família pastoral. Se houver necessidade de alguma renúncia, mantenha elevada a importância do trabalho pastoral e o benefício dele a outras pessoas. Se a esposa trabalha, planeje atividades recreativas com seus filhos. Depois de passar algum tempo fora, planeje uma atividade especial para celebrar seu retorno ao lar. Demonstre interesse pelo que aconteceu com eles, durante sua ausência. Se houve mudança no comportamento deles, em sua ausência, algo errado aconteceu. Seja tão amigo que eles se sintam confortáveis para falar de suas experiências.

**3. Estabeleça alvos elevados para seus filhos.** Se você os mantém ocupados com estudo da Bíblia, música, artes, estudo da natureza e prática de esportes saudáveis, eles terão pouco tempo para gastar com televisão, videogames e influências externas. Seu lar será o centro de felicidade e o mais atrativo lugar para eles. Seja você mesmo o provedor da educação sexual para seus filhos. Responda naturalmente as perguntas feitas sobre o assunto, respeitando sua idade e capacidade de entendimento. Se você não assumir esse papel, a primeira exposição da sexualidade para eles certamente será indevida e impura.

**4. Envolver seus filhos em serviço altruísta.** Ajude-os a escolher tarefas que os alegrem e a encontrar uma missão objetiva em suas atividades. Encoraje-os a participarem com você das atividades da igreja. Enquanto você partilha os requerimentos ministeriais, a confiança deles crescerá. Acabarão envolvidos na vida da igreja por sua própria escolha, e a religião não lhes resultará enfadonha. Seu alvo é ajudá-los a escolher, por iniciativa própria, estar envolvidos no trabalho do Senhor.

**5. Convide-os a aceitarem a Cristo.** Não imagine que eles descobrirão o relacionamento com Jesus por si mesmos. Providencie nutrição religiosa através do culto familiar. Fale periodicamente com eles sobre o crescimento de sua amizade com Cristo.

**6. Proteja-os da igreja.** Seja um muro entre eles e aqueles membros críticos que alimentam expectativas exageradas a respeito dos filhos de pastores. Seus filhos precisam saber que você deseja vê-los sempre bem comportados, mas que você não os abandonará quando cometerem algum erro. Discuta e dialogue sobre qualquer incidente com eles, e simpatize com suas perdas e frustrações.

**7. Ame incondicionalmente a seus filhos.** Seja para eles o que Jesus é para todos nós. Depois que seus filhos atravessam a idade quando é possível controlar suas atividades, eles podem fazer escolhas que lhe desagradem. Nesse caso, só existem duas coisas a fazer: orar e continuar sendo amigo deles. Uma vez que se tornem adultos, não espere continuar controlando sua vida, suas escolhas, ou seus lares. Sua oportunidade para influenciar seu futuro é exatamente agora. Os primeiros anos da formação de seus filhos lhe dão a oportunidade para causar em sua vida um impacto que dura a eternidade. — James Cress.

# MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreros

Ano 68 – Número 06 – Nov./Dez. 1997 – Periódico Bimestral  
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

## 2 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

### REBANHO ESPECIAL

*James Cress*

## 4 ENTREVISTA

### UM ATO DE AMOR

*Joel Sarli*

## 9 ARTIGOS

### ÉTICA PASTORAL EM AÇÃO

*Juan Millanao*

## 13 DILÚVIO: CATÁSTROFE UNIVERSAL

*William H. Shea*

## 17 COMPREENDENDO ISRAEL NA PROFECIA

*Hans K. LaRondelle*

## 22 QUALIDADE NA PREGAÇÃO

*Alejandro Bullón*

## PASTOR

## 24 SEM PERDA DE TEMPO

*Doug Burrell*

## AFAM

## 26 A IRA NO LUGAR CERTO

*Ron e Karen Flowers*

## 32 BIBLIOTECA DO PASTOR

**Diretor Geral:** Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos; **Editor de Arte:** Wilson Almeida; **Diagramação:** André Rodrigues; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefeté Carvalho; Izéas Cardoso; **Capa:** Antônio Rios

Visite o nosso site em: <http://www.cpb.com.br> E-mail: Serviço de Atendimento Direto: [saa@cpb.com.br](mailto:saa@cpb.com.br)  
Redação: [redação@cpb.com.br](mailto:redação@cpb.com.br)

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970 – Brasília, DF.

**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA – EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA**  
Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000 – Tatuf, SP.

5972/4621

## ENTREVISTA

# Um ato de amor



Pastor Joel Sarli

Paulista de Jaú, o Pastor Joel Sarli formou-se em Teologia no Instituto Adventista de Ensino, em 1962. Integrou o primeiro Quarteto Arautos do Rei brasileiro, sendo, posteriormente, secretário ministerial da Associação Paranaense, União Sul-Brasileira; e associado da mesma função na Divisão Sul-Americana.

Enviado para a Universidade Andrews, nos Estados Unidos, cursou Mestrado em Divindade e Doutorado em Ministério. Em seguida, assumiu a direção do Departamento de Teologia Aplicada da Faculdade de Teologia do IAE, e, em 1980, a direção do Salt. Nesse período, teve início o programa de Mestrado em Teologia no Brasil. Em 1984, o Pastor Sarli aceitou o chamado para pastorear a igreja de fala portuguesa, em Toronto, Canadá. Quatro anos depois, assumiu o pastorado da igreja brasileira em Nova Iorque, e, em 1990, a igreja brasileira da área metropolitana de Washington.

Desde fevereiro de 1994, é secretário ministerial associado da Associação Geral, responsável pelo treinamento dos anciãos e treinamento ministerial de novos pastores. Visita seminários, examina currículos, à luz das necessidades da congregação local, levando em conta as diferenças culturais regionais. “A idéia é que 60% do currículo deve ser um programa básico, em que a IASD estabelece as suas prioridades. O restante deve estar relacionado à cultura local”, ele explica.

Durante o Concílio Ministerial da Divisão Sul-Americana, realizado em julho, no Iacene, o Pastor Joel Sarli falou à revista *Ministério*, sobre suas atividades, o papel de um ancião de igreja, disciplina eclesial, bem como sobre os desafios e perspectivas ministeriais da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A seguir, os principais trechos da entrevista.

**MINISTÉRIO:** *Qual a importância do ancião, no contexto da Associação Ministerial?*

**PASTOR JOEL:** Atualmente, estamos desenvolvendo a filosofia de que o pastor não pode mais trabalhar sozinho. Talvez há uns 20 anos, poderíamos nos dar a esse luxo. Mas esse tempo já passou. Hoje, a igreja tem cerca de 10 milhões de membros, 80 mil congregações e 17 mil pastores assalariados em todo o mundo. Muitas dentre essas congregações precisam contar, cada sábado, com a liderança e a pregação de leigos. Por isso acreditamos que a participação dos anciãos é fundamental, imprescindível mesmo. Na Divisão da África Oriental, por exemplo, o nosso seminário está formando cada ano 22 novos pastores, mas eles têm cerca de um milhão e meio de membros, e uma infinidade de congregações que, praticamente, não recebem orientação adequada. Por isso, cremos que esse trabalho é de muita responsabilidade, e que o pastor deve primeiramente ser um bom treinador de seus anciãos. Ao lado deles faremos a nossa parte em proteger a Igreja do caos administrativo.

**MINISTÉRIO:** Como explicar biblicamente para algumas pessoas a existência de uma ordenação para anciãos e outra para os pastores?

**PASTOR**

**JOEL:** A Bíblia é clara neste ponto. O pastor é um ancião nomeado pelo órgão administrativo da Igreja, ao qual chamamos Associação ou Missão, para coordenar o trabalho numa área, não apenas local. Mas ele é um ancião. E a Igreja, por uma questão de segurança, pois o pastor deve ter condições de ensinar e orientar um grupo maior, condiciona esse trabalho ao preparo teológico. Na Bíblia não existe ordenação de pastor. Aí, pastor é uma função na liderança da Igreja, e que se encontra entre os dons espirituais. No livro de Atos, existe ordenação de anciãos e diáconos. Os diáconos têm uma atividade bem definida; e os anciãos são os supervisores da Igreja, responsáveis pelo atendimento espiritual da comunidade, administração, visitação, aconselhamento, etc. Ele também tem função pastoral.

**MINISTÉRIO:** Tendo sido o pastor ordenado ancião, antes desse preparo, por que a ordenação posterior, ao pastorado?

**PASTOR JOEL:** Esse procedimento tem a ver mais com o aspecto administrativo da Igreja. Você sabe que existe o ancião local, chamado a servir voluntariamente numa igreja específica. O pastor é um ancião distrital. Portanto, há uma diferença.

**MINISTÉRIO:** Sabe-se que em algumas regiões do mundo, até por dificuldades para se encontrar um pastor, mulheres têm realizado batismos. E alguns administradores pensam que isso também poderia ser estendido aos anciãos. A Associação Geral pensa assim também?

**PASTOR JOEL:** Naturalmente, há ainda algumas restrições; mas o ancião pode batizar, desde que seja autorizado a fazê-lo por um voto da Mesa Administrativa do

Campo. Mas eu creio, particularmente, que vamos chegar ao ponto em que teremos que autorizar permanentemente os anciãos a realizarem batismos. A necessidade vai requerer isso, o que não está de maneira nenhuma em conflito com a

O pastor não pode mais trabalhar sozinho. Talvez isso fosse possível 20 anos atrás, mas não hoje. Temos apenas 17 mil pastores assalariados para 80 mil congregações e 10 milhões de membros em todo o mundo. Por isso, o trabalho dos anciãos é fundamental e imprescindível.

Bíblia. Com respeito às mulheres, esse é um assunto em torno do qual há muito debate; e, biblicamente, também questiono, pois a ordenação é para anciãos e diáconos. Mas, na realidade, a Associação Geral, num Concílio Outonal (não foi numa assembléia mundial), alguns anos atrás, tomou um voto de que uma mulher pode ser anciã e ordenada como tal, nas Divisões que aceitarem essa situação. Na América do Norte, temos aproximadamente mil mulheres que atuam como anciãs. Surpreendentemente, também na América Central, existem algumas, a Europa também possui. Acho que, em algum momento temos de definir esse assunto, como Igreja, para acabar com a tensão desgastante que atualmente experimentamos.

**MINISTÉRIO:** *Pastores e anciãos se deparam, às vezes, com a necessidade de disciplinar membros. Mas isso já não parece tão fácil de ser feito. A que o senhor atribui a dificuldade?*

**PASTOR JOEL:** Primeiramente há uma questão social que invadiu a Igreja. Todo mundo sabe que o mundo hoje é contra qualquer tipo de restrição, em todos os aspectos da vida. Pais e professores lutam com isso. A Igreja também é uma instituição social e não está imune ao problema. Outra razão é a busca de um caminho mais fácil. Influenciadas pela reação anteriormente descrita, há pessoas que desejam evitar a disciplina, que sempre é um caminho mais doloroso, contrário à tendência natural de uma sociedade que está optando pelo liberalismo. Também não podemos esquecer de que o uso indevido da disciplina no passado criou uma espécie de resistência na própria igreja. Você e eu sabemos que, embora não tenha sido generalizado, algumas igrejas não usaram apropriadamente a disciplina e isso gerou uma conotação negativa. Mas a disciplina não é negativa. Ela está relacionada com a

palavra discípulo. Portanto, inserida num contexto de regras para ajudar os cristãos a se tornarem semelhantes ao Mestre. Diante disso, apesar da resistência, o pastor não deve abrir mão da disciplina. Ela tem fundamento no Velho e Novo Testamentos e deve ser utilizada com amor, no Espírito de Cristo.

**MINISTÉRIO:** *O senhor não acha que a facilidade de contato com várias culturas também dificulta o uso da disciplina? Algumas pessoas adotam práticas aceitas por outras culturas, que são rejeitadas onde vivem.*

**PASTOR JOEL:** Mas aí temos alguns problemas para resolver. Primeiro, o perigo da generalização. Algumas pessoas vão encontrar sempre o que procuram. Chegam dos Estados Unidos, por exemplo, e dizem: lá todo mundo é liberal; mas isso não é verdade. Encontraram o que estavam buscando, e po-

deriam até ter economizado, porque aqui também achariam. Por outro lado, há também um percentual elevado de irmãos fiéis e dedicados, em alguns casos mais conservadores do que muitos conservadores brasileiros. Outro aspecto é que, normalmente, as pessoas citam certas regras, esquecendo-se dos princípios. Há uma diferença. Princípios são imutáveis, dão uma direção básica ao comportamento do indivíduo. Regras são maneiras de se praticar os princípios. Por exemplo, o princípio da modéstia cristã no vestuário é o mesmo no Brasil e na África. Aqui, nós o praticamos com um tipo de vestimenta. Lá, em algumas regiões, se usa apenas uma tanga. Um brasileiro não pode ir à África e querer adotar esse uso aqui.

**MINISTÉRIO:** *Alguns autores parecem questionar o uso da disciplina, valendo-se de situações como por exemplo, a da mulher adúltera e Cristo.*

---

**A disciplina eclesiástica  
tem de ser um ato de amor.  
É um ato redentivo, não  
pode ser punitivo. A  
teologia bíblica da  
disciplina é de restauração.**

---

**PASTOR JOEL:** Eu, particularmente, creio o seguinte: Jesus disciplinou a mulher, porque lhe deu uma regra de vida. O contexto é diferente. Não havia uma igreja organizada, havia apenas um grupo de acusadores com propósitos questionáveis,

nem espirituais, nem bíblicos. Ele não endossou essa atitude, como não aprova hoje os que ainda querem utilizá-la. Naquela situação a mulher já estava disciplinada, envergonhada pelo seu pecado e arrependida. O aspecto mais positivo da história foi a sua recuperação, que é sempre a razão de ser de qualquer medida disciplinar eclesiástica, ainda hoje.

**MINISTÉRIO:** *Não há problemas em dizermos que disciplina é um ato de amor?*

**PASTOR JOEL:** Tem de ser. É um ato redentivo; não pode ser punitivo. Corretivo, sim. O Livro aos Hebreus, capítulo 12, fala muito em correção. Esse é um termo muito comum na Bíblia. Ao contrário, em nenhum lugar encontramos a disciplina com a conotação punitiva. A teologia bíblica da disciplina é de restauração.

**MINISTÉRIO:** *Que desafios o senhor vê*

como os mais significativos para o ministério adventista, hoje?

**PASTOR JOEL:** O ministério está recebendo o impacto de um secularismo muito forte. Evidentemente, esta não é uma atividade de origem puramente humana, e eu creio que Deus vai proteger um grupo fiel que continuará liderando a Igreja, enquanto houver necessidade, e preservá-la no caminho certo. Esse grupo permanecerá firme à sua vocação, mantendo a visão divina e profética do ministério, jamais encarando-o como simplesmente um emprego.

**MINISTÉRIO:** Numa época em que com o digitar de uma tecla entra-se em contato com o mundo, ainda é indispensável a visitação pastoral?

**PASTOR JOEL:** Sim. Porque tem a ver com a natureza humana. Jesus estabeleceu esse método de visitação, relacionamento pessoal, com base nas carências da natureza humana. Ela é mais carente, hoje, do que nos dias de Cristo; quer dizer, não mudou. Então, esse trabalho pessoal, a mensagem sendo levada com o coração e não meramente através do aparato eletrônico e dos caminhos da informática, é importante porque vai acompanhada do insubstituível calor da experiência pessoal. Você pode usar o telefone, a TV, a internet, mas quando você vai e conversa com alguém que perdeu um ente querido, nada substitui um abraço, um aperto de mão. Essa pessoa sente algo que não é verbalizado.

**MINISTÉRIO:** Fala-se muito no que seria uma sobrecarga de trabalho que o ministério representa. O senhor concorda com isso?

**PASTOR JOEL:** A atividade pastoral depende muito da atitude mental do indivíduo. Você sabe, que, numa igreja, um pastor pode trabalhar equilibradamente e ter bons resultados; e outro pode esfalfar-se, sem muito sucesso. Depende muito da

criatividade do pastor. Mas, sendo o pastor um homem que atende a uma comunidade deiversificada, normalmente ele tende a ser uma pessoa atribulada, isto é, com muitas ocupações: aconselhamento em vários ramos, orientação, estudos bíblicos, pregação eficaz, administração da igreja, etc. Mas o indivíduo idealista e criativo pode se dar bem. A administração do tempo é uma arte que o pastor deve aprender. Ele não pode ser um escravo daquilo que é urgente, porque nem sempre isso é prioridade. Não pode ser escravo, porque aí perderá o controle das coisas, experimentando desequilíbrio no desempenho de sua função como líder espiritual.

**MINISTÉRIO:** Na função onde o senhor se encontra, certamente já ouviu muitos questionamentos sobre os métodos de avaliação pastoral. Que tem a dizer sobre isso?

**P A S T O R**

---

---

O maior elemento  
na avaliação de um pastor  
não é aquilo que um  
administrador humano pensa  
dele; mas como o Pai  
Celestial o vê.  
É a Ele que, finalmente,  
devemos prestar contas.

---

---

**JOEL:** Essa é uma questão delicada e subjetiva. Mas eu creio que o maior elemento na avaliação de um pastor não é aquilo que um administrador humano pensa dele; mas como o Pai Celestial o vê. É a Ele que, finalmente, devemos prestar contas. A metodologia de ava-

liação surgida nos últimos anos, onde o aspecto numérico é bastante destacado, tem criado certos problemas para a Igreja. Primeiro, porque acaba havendo uma pressa em manipular um indivíduo para que ele se torne membro da igreja e o relatório seja satisfeito. Depois, creio que isso tem gerado membros pouco preparados, líderes não muito bem fundamentados; porque, com o crescimento da igreja, logo estamos lançando mão de um indivíduo para que ele se torne líder em pouco tempo depois de batizado. Então o pastor não deveria ser avaliado apenas numericamente. Mas, também creio que os números vão aparecer naturalmente, se o pastor é espiritual, organizado e capaz de treinar seus leigos para o trabalho, mobilizar a igreja. Aliás, tudo isso

também representa fator importante para redução de apostasia. É uma questão de causa e efeito.

**MINISTÉRIO:** *É possível pastores e líderes manterem um relacionamento sem arestas?*

**PASTOR JOEL:** O maior fator de desunião entre pastores chama-se política; ambição por hierarquia. Aliás, hierarquia deveria ser uma palavra estranha entre nós. Funções, ótimo. E, no ministério, não existe função mais importante que a outra. Eu creio que, lamentavelmente, Satanás foi bem-sucedido em plantar em nossa estrutura administrativa a idéia de que há uma hierarquia nas funções. O administrador é mais importante, o departamental é menos importante, e vai reduzindo até chegar ao distrital. Aí, o pastor de uma igreja central é mais importante, e a desci-

da continua até chegar ao que muitos chamam de pastor de fim de linha. Isso gera um procedimento natural de política, porque aquele que se acha numa posição tida como inferior vai querer “subir” e será tentado a tratar, manipular nesse sentido. Mas a hierarquia, no sentido de classificação de funções, não é bíblica e contraria os princípios básicos do próprio evangelho. Eliminando-se essa idéia, certamente a convivência será melhor.

**MINISTÉRIO:** *Como o senhor avalia a qualidade da nossa pregação?*

**PASTOR JOEL:** Eu ainda creio na centralidade do púlpito, creio no método da pregação, e acho que nada substitui uma pregação bem feita, com autoridade bíblica, apresentada por um indivíduo espiritualmente bem preparado. Isso toca o coração dos ouvintes e os motiva a uma vida mais condizente com os reclamos evangélicos. Mas, na realidade, depois de ouvir muitas pregações e estar agora relacionado com um percentual elevado de pastores em todo o mundo, por alguma razão, há pastores que não estão sendo bem-sucedidos na comunicação da men-

sagem. Levam ao púlpito um material muito pobre, não bíblico, destituído de poder e sem vivência espiritual. O público sente isso. Por outro lado, há uma pressão que vem de pessoas que acham que nosso método é monótono e que devemos tornar o púlpito uma espécie de palco para dramas e *shows*. O certo é o seguinte: quando um pregador bem preparado, espiritualmente forte, se levanta para falar, velhos e jovens saem satisfeitos da igreja. Isso, para mim, é um argumento em favor daquela pregação que o povo espera e de que necessita.

**MINISTÉRIO:** *Como deveria ser o seu pastor?*

**PASTOR JOEL:** O pastor precisa ter credibilidade em todos os aspectos. Até há alguns anos, o pastor era o homem de confiança número um numa sociedade. Qualquer pessoa que tinha um problema, procurava o pastor, porque confiava em sua palavra de orientação. Ele era um homem de oração. Hoje, estamos perdendo isso. Parece que o médico da família tem mais credibilidade do que o pastor. Não é

que ele não mereça ter credibilidade; afinal é um profissional que também cuida do bem-estar de uma pessoa, o bem-estar físico. Mas ele parece que está mais disposto a conversar e a ouvir. A igreja quer sentir que o pastor tem tempo para ouvir, dar conselhos e orientações. Não deveríamos ser profissionais de aconselhamento, que marcam a hora do diálogo e, terminando esse diálogo, a pessoa pode ir embora. Precisamos demonstrar sincero e genuíno interesse pelo bem-estar conjunto de nosso rebanho.

**MINISTÉRIO:** *Gostaria de aproveitar esta oportunidade para um conselho especial?*

**PASTOR JOEL:** Sigamos o exemplo de Jesus. Ele foi o Pastor ideal. Segui-Lo em termos de habilidade pastoral deve ser nosso objetivo como ministros. Se o fizermos, a congregação vai ficar profundamente agradecida.

---

## Hierarquia, no sentido de classificação de funções, não é bíblica e contraria os princípios básicos do próprio evangelho.

---

# Ética pastoral em ação

JUAN MILLANAO

*D. Min., professor no Seminário Adventista  
Latino-Americano de Teologia, IAE/ct*

É provável que você, ao ouvir sobre os problemas que ocorrem na Igreja Adventista e seu ministério, nos chamados países do Primeiro Mundo, seja levado a pensar que na América do Sul, demonstramos ser mais éticos em nosso procedimento. Talvez fosse assim, quando éramos poucos; ou quando estudávamos em colégios pequenos, onde Teologia era a matéria dominante, por excelência, no campus.

Mas a Igreja não é mais a mesma de ontem. O número de pastores cresceu significativamente, o *Manual da Igreja* passou por várias revisões, assim como o *Manual para Ministros*. As praxes de cada Divisão são cada dia mais volumosas. Finalmente, a Igreja do final do século 20 enfrenta problemas éticos que são cada dia mais abarcanes e complexos.

Não é possível opinar ingenuamente sobre a ética pastoral adventista. Certamente devemos refletir, tendo em mente o ministério como um todo e sobre as formas pelas quais ele deve ser apoiado. Mas que perfil deveria ter um sistema de apoio aos pastores?

## Justiça e equidade

Os ministros são parte do povo remanescente. Dessa forma, somos, eticamente falando, um grupo de alto risco. A advertência apostólica é clara: Satanás anda como leão rugindo, procurando a quem tragar. É evidente que parte dos riscos éticos de um pastor estão associados a seu nível de vida, à própria natureza de sua atividade, entre outros fatores.

Com a implantação do programa de Doutorado em Teologia Pastoral e de outros programas do Salt, abriu-se a oportunidade de reflexão mais sistemática com respeito ao problema em consideração.

O benefício do programa de Doutorado em Teologia Pastoral torna-se mais relevante enquanto o avanço econômico, tecnológico, científico e de toda ordem, em vários países da América Latina, faz com que pessoas da Igreja e fora dela tenham maior consciência dos problemas éticos que necessitam encarar. O progresso solucionou alguns deles, mas fez surgirem muitos outros.

Portanto, um bom sistema de apoio aos pastores deve reunir pelo menos três características: deve ser um sistema ao alcance da totalidade dos pastores; deve ser desenvolvido de acordo com as possibilidades financeiras da Igreja; e, finalmente, deve preservar a moral e a tradição familiar ministerial adventista. Nenhum sistema será apropriado se revelar os dois primeiros aspectos em detrimento do terceiro.

Um tal sistema de apoio também deve tratar de conseguir três racionalidades:

1. *Racionalidade política.* Isto é, conseguir equidade, o que implica a eliminação de toda e qualquer desigualdade. Para isso, é bom revisar os votos da Divisão Sul-Americana, referendados pelas Uniões (Penalidades por negligência administrativa), relacionados às sanções impostas aos administradores que não exerçam apropriadamente suas funções (DSA, voto 96-223). É evidente que a decisão de designar recursos, de maneira justa, tem suscitado o problema de critérios para sua distribuição numa igreja mundial com recursos limitados e escassos. O citado voto também parece uma tentativa de situar todos os obreiros assalariados da Igreja Adventista num plano de igualdade, diante dos seus regulamentos.

2. *Racionalidade técnica.* Trata da eficácia na ação, impacto proporcional ao esforço realizado em matéria de apoio ao pastor.

3. *Racionalidade administrativa*. Quer dizer, eficiência. Ou que o melhor impacto seja produzido ao menor custo operacional possível.

Historicamente sempre existiu um conceito de justiça com proporcionalidade natural. Os anglo-saxões, por exemplo, o expressavam com a frase: “Aplique o castigo adequado ao crime”. O Código de Hamurabi, cerca de quatro mil anos atrás, continha normas com uma lógica elementar:

“Se um homem tira um olho de outro homem, terá seu olho tirado; e se arrancar um dente, também terá seu dente arrancado (Art. 196).

“Se um médico operar uma pessoa e lhe causar a morte, ou, na tentativa de curar uma catarata, lhe vaziar o olho, será castigado tendo a mão decepada (Art. 215).” Aqui é levada em conta a probabilidade de risco, e mostra como era concebido o exercício da medicina naqueles dias. Nesse caso, a vantagem do médico se resumia a estar livre da morte, embora perdesse a mão.

No caso do arquiteto, era diferente: “Se uma casa for mal construída e cair, matando seu proprietário, o arquiteto será castigado com a morte.”

Provavelmente, muitas pessoas do final do século 20 raciocinem de forma parecida ao que se praticava nos dias de Hamurabi. Ou façam de forma inteiramente diferente. Naquele Código, havia ainda um artigo que dizia: “Quando uma mulher casada se negar ao marido, será lançada ao rio.” Isso dispensa comentários.

Que se deveria então fazer quando um templo é malconstruído? Ou quando um tesoureiro é culpado de fraude? Que atitudes deveriam ser tomadas diante de um sem-número de coisas erradas, feitas dentro da Obra? Talvez o primeiro pensamento que nos vem à mente é que, se temos de errar,

devemos fazê-lo do lado da misericórdia. Contudo, tanto a misericórdia como a caridade são esgotáveis. Portanto, requer-se que um sistema de apoio ao pastor tenha sua base moral na justiça, na equidade e na misericórdia. E isso tem fundamento bíblico.

### Estímulo ao pensamento

Um sistema de apoio deve estimular o pensamento e a reflexão de seus pastores e demais integrantes.

“Examinai as Escrituras” (João 5:39), foi o conselho de Cristo, dado na forma indicativa, tempo presente – “Vocês estão estudando as Escrituras...”

Paulo aconselhou a Timóteo no sentido de crer e manter a verdade (II Tim. 1:13 e 14), sem que fosse simplesmente um guarda de museu (II Tim. 2:15), isto é, esperava que Timóteo interpretasse a Palavra de acordo com as necessidades do rebanho. Entre 1886 e 1888, Ellen White também transmitiu um conselho para os obreiros que facilmente desejavam que George Buttler

---

---

Existem  
várias razões para  
desenvolvermos  
o hábito de pensar:  
Fomos dotados por Deus  
com essa capacidade,  
relacionamo-nos com  
pessoas, idéias e  
conceitos alheios.  
Pensar, raciocinar e  
arrazoar são peculiaridades  
da raça humana, criada  
por Deus.

---

---

e Urias Smith pensassem e decidissem somente sobre questões da Lei em Gálatas e os dez reinos de Daniel.

Existem várias razões importantes para desenvolvermos o hábito de pensar. Algumas delas podem ser relacionadas: Fomos criados à imagem de Deus, dotados da capacidade de pensar. Relacionamento é uma das expressões dessa imagem. Relacionamo-nos com pessoas, idéias e conceitos alheios. Pensar, raciocinar e arrazoar são peculiaridades da raça humana, criada por Deus.

O cristão adventista entende primeiro, e depois crê. Refletir sobre a doutrina bíblica, não somente dirige a mente por canais corretos, mas é parte central do que significa ser um cristão (Rom. 10:9).

Pensar e refletir no que cremos alimenta a mente, ajudando a rechaçar o que não lhe serve de alimento. Também contribui para ter um espírito aberto e evitar a intolerância em relação aos que pensam diferente de nós. Alguns pastores querem, às vezes, formular e aplicar regulamentos e normas que funcionam apenas em sua cabeça. Deixar de pensar naquilo que eu creio e faço, induz a não pensar no que os outros crêem e fazem.

O ato de pensar por si mesmo favorece a elaboração de novas idéias e métodos. Por isso, jamais deveria ser reprimido pelos líderes. Ellen White adverte: “Os guias dentre o povo de Deus devem precaver-se contra o perigo de condenar os métodos de obreiros que são pelo Senhor levados a fazer uma obra especial que só poucos estão habilitados para desempenhar. Sejam os irmãos que estão em cargos de responsabilidade, cuidadosos em criticar maneiras de proceder que não estejam em perfeita harmonia com seus métodos de trabalho. Não suponham jamais que cada plano deva refletir a sua própria personalidade.” (*Obreiros Evangélicos*, pág. 488).

No entanto, como que prevendo o perigo do fracionamento da unidade ministerial, em nome do equilíbrio, ela também afirmou: “O espírito de afastamento de companheiros na obra, o espírito de desorganização, está no próprio ar que respiramos. Por alguns, todos os esforços por estabelecer ordem são considerados perigosos – como uma restrição da liberdade individual... Estas almas iludidas consideram virtude jactar-se de sua liberdade em pensar e agir independentemente. Declaram que não aceitam a opinião de homem algum; que não são responsáveis para com homem nenhum.” (*Idem*, pág. 501).

### Agentes sustentadores

**A** seguir, enumeramos variados recursos que podem ajudar ao pastor, nos aspectos pessoal, familiar, de capacitação, etc. As sugestões foram extraídas dos escritos de Ellen White.

**1. Espiritualidade.** “A posição dos que

foram chamados por Deus para trabalhar por palavra e doutrina em favor do levantamento de Sua Igreja, é de extrema responsabilidade. Cumpre-lhes rogar, a homens e mulheres, da parte de Cristo, que se reconciliem com Deus; e eles só podem cumprir sua missão ao receberem sabedoria e poder de cima.” (*Obreiros Evangélicos*, pág. 13).

**2. Mudança de atitudes pessoais.** “Todas as relações sociais exigem o exercício do domínio próprio, tolerância e simpatia.

Diferimos tanto uns dos outros em disposições, hábitos e educação, que variam entre si nossas maneiras de ver as coisas. Julgamos diferentemente. ... Tão fraca, ignorante e sujeita ao erro é a natureza humana, que todos devemos ser cautelosos na maneira de julgar o próximo. ... Muitas pes-

soas têm desempenhado tão poucas responsabilidades, seu coração tem experimentado tão pouco as angústias reais, sentido tão pouca perplexidade e preocupação em auxiliar o próximo, que não podem compreender o trabalho de quem tem verdadeiras responsabilidades. São tão incapazes de apreciar seus trabalhos, como a criança de compreender os cuidados e fadigas do preocupado pai.” (*Idem*, págs. 473 e 474).

Recomendamos uma leitura atenta dos capítulos “Unidade na diversidade” e “Espírito de independência”, do livro *Obreiros Evangélicos*.

**3. Estilo de vida natural.** O pastor deve lançar mão dos oito remédios naturais, aconselhados por Ellen White: Água pura, ar puro, luz solar, repouso, exercício, abstinência do que é prejudicial, temperança e confiança no poder de Deus.

**4. Família (esposa).** “Se a esposa do ministro o acompanha em viagens, não deve ir apenas para seu próprio prazer, para visitar e ser servida, mas para com ele trabalhar. Deve ter os mesmos interesses que ele em fazer bem. Convém que tenha boa vontade de acompanhar o marido, caso os cuidados da casa a não impeçam, e deve ajudá-lo em seus esforços para salvar almas. Com mansidão e humildade, mas todavia com confiança em si mesma, deve exercer no espírito

dos que a rodeiam uma influência orientadora, desempenhando seu papel e levando sua cruz e encargos na reunião, em torno do altar da família e na conversação no círculo familiar. O povo assim o espera ... Uma irmã obreira na causa da verdade pode compreender e tratar, especialmente entre as irmãs, de certos casos que se acham fora do alcance do ministro.” (*Idem*, págs. 201 e 202).

**5. Treinamento e capacitação.** “Deve haver decidido aproveitamento quanto à obra preparatória especial. Em todas as nossas associações deve haver planos bem delineados quanto a instruir e exercitar os que desejam dedicar-se à obra de Deus. ... A fim de adquirir o preparo para o ministério, os jovens devem estar ligados aos ministros mais idosos. ... Que os obreiros mais idosos sejam educadores, mantendo-se a si mesmos sob a disciplina de Deus. Que os jovens sintam ser um privilégio estudar sob a direção de obreiros mais velhos, e tomem toda a responsabilidade compatível com sua mocidade e experiência. Assim educava Elias a mocidade de Israel nas escolas dos profetas...” (*Idem*, págs. 75, 101 e 102).

**6. Educação contínua.** O ministro deve buscar o crescimento constante, aproveitando todas as oportunidades para adquirir conhecimento. Essa formação deve produzir resultados tanto imediatos como acumulativos.

**7. Repouso sabático.** Pode ser acompanhado de um agradável projeto de pesquisa e estudo.

**8. Os colegas.** Uma leitura das páginas 473 à 495 do livro *Obreiros Evangélicos* permite extrair as seguintes recomendações: a amizade entre colegas de ministério é extremamente valiosa. A consulta pastoral permanente é necessária, bem como a operação

de grupos de apoio. Tarefas ministeriais podem ser realizadas em equipes.

**9. Ajuda especializada.** Profissionais cristãos dos mais variados ramos do conhecimento humano podem ser uma grande ajuda para o pastor.

**10. Ajuda denominacional.** Interpretando devidamente o seguinte conselho, dentro dos limites legais onde exerce seu ministério, a Igreja deve preocupar-se com seus obreiros, segundo escreveu Ellen White: “Deve-se

tomar alguma providência quanto ao cuidado para com os ministros e outros fiéis servos de Deus, que, devido a se exporem ou a trabalharem em excesso em Sua causa, adoeceram e necessitam de repouso e restauração... Ao sobrevir-lhes doença ou enfermidade, não se deixem nossos obreiros sentir-se sobrecarregados com a ansiosa interrogação: ‘Que será de minha esposa, de meus filhos, agora que não posso mais trabalhar e supri-lhes a necessida-

---

“Que os obreiros mais idosos sejam educadores, mantendo-se a si mesmos sob a disciplina de Deus. Que os jovens sintam ser um privilégio estudar sob a direção de obreiros mais velhos e tomem toda a responsabilidade compatível com sua mocidade e experiência.”

---

de?’ É simplesmente justo que se tomem providências para satisfazer às necessidades desses obreiros fiéis, e dos que deles dependem. ... Que providências, entretanto, têm tomado os adventistas do sétimo dia a respeito dos soldados de Cristo?

“Nosso povo não tem sentido como deve, a necessidade disso... É agora o dever do povo de Deus afastar de si esse opróbrio, provendo a esses servos do Senhor lares confortáveis, com alguns poucos hectares de terra, nos quais possam cultivar seus produtos e sentir que não dependem da caridade dos irmãos.” (*Idem*, págs. 426 a 428).

O sistema de apoio aos pastores não apenas reconhece no grupo de ministros, pessoas que estão sob a mira de Satanás; mas busca, também, promover uma ação preventiva, envolvendo planos e atividades específicos nesse sentido.

# Dilúvio: catástrofe universal

WILLIAM H. SHEA

*Ph.D., diretor associado do Instituto de Pesquisa Bíblica  
da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia*

**C**riacionistas e evolucionistas discordam quanto ao Dilúvio. Os criacionistas argumentam que a Bíblia é um documento divinamente inspirado e que seu registro do Dilúvio descreve um acontecimento histórico real, de alcance universal. Os evolucionistas respondem à narrativa bíblica de diversos modos. Alguns a rejeitam como não histórica e indigna de consideração séria. Outros, contudo, dão uma explicação que não concorda com a opinião criacionista. Sugerem a existência de um acontecimento que fornece a base para a história, mas que ela tem sido muito exagerada em relação ao que houve originalmente. Pensam que houve uma grave inundação local no rio Tigre ou no Eufrates, ou em ambos, e que essa inundação foi ampliada de tal modo que quando o relato chegou ao escritor bíblico, foi considerado um dilúvio universal.

Essa teoria começou com um arqueólogo. Sir Leonard Wooley estava escavando em Ur, no sul do Iraque, no final de 1920, quando numa trincheira particularmente profunda, seus operários chegaram a um depósito estéril de argila sem mais nenhum traço de civilização. Fez com que os operários continuassem a cavar através desse sedimento. Mais no fundo, chegaram a uma nova camada de ocupação. De pé na trincheira com um dos operários e sua esposa, ele perguntou: “Vocês sabem o que é isso, não sabem?” O operário olhou surpreso, mas a esposa prontamente respondeu: “É o dilúvio de Noé!” E assim nasceu a teoria de uma inundação local na Mesopotâmia como a explicação do dilúvio bíblico.

Depois da Segunda Guerra Mundial, Sir Max Mallowan, cavando em Nimrud (Calah), propôs uma revisão da teoria de Wooley. Ele queria atribuir o dilúvio bíblico a um nível diferente de depósito aluvial em outros lugares na Mesopotâmia. Ao passo que o di-

lúvio de Wooley tivesse sido fixado por volta de 3500 a.C., na maneira convencional de datação arqueológica, Mallowan propôs a data de 2900 a.C. à camada que deu origem às histórias na Mesopotâmia sobre o dilúvio.

Nosso propósito aqui não é avaliar ou endossar essas datas arqueológicas, mas usá-las como base para comparação. A teoria de uma inundação local levanta muitos problemas, os quais podem ser examinados de três perspectivas diferentes: arqueologia, lingüística e tradições literárias. Tal exame vai determinar se a história bíblica do dilúvio remonta à história da inundação local de um rio na Mesopotâmia, ou à Bíblia como o registro histórico de um dilúvio universal.

## O teste da arqueologia

**T**ratando-se da arqueologia, há dificuldade enorme em tentar achar o estrato correto em várias cidades para fazer a ligação com o dilúvio bíblico. A razão é que há diferentes cidades da Mesopotâmia, e outras cidades sem nenhum sinal de níveis de inundação. Assim, o quadro das inundações locais na Mesopotâmia é como uma colcha de retalhos na qual muitos desses retalhos diferem uns dos outros.

Consideremos os depósitos do período que Wooley preferiu como fornecendo uma explicação para o Dilúvio. Eles foram encontrados apenas em dois lugares: Ur e Nínive. As diferenças entre esses dois locais deviam ser notadas. Nínive fica sobre o Tigre, no norte do Iraque. Ur está localizada num canal que sai do Eufrates, no sul do Iraque. Assim, essas duas cidades estão em extremos opostos do país e ficam sobre rios diferentes. Nenhum dos outros lugares intermediários que foram escavados produziu o mesmo nível de “inundação”. O trabalho de Wooley mostra

que a inundação nem cobriu toda a cidade de Ur. Os habitantes locais podem t -la considerado como algo s rio, mas nem de longe atingiu o ponto em que poderia ter sido ampliada em proporções universais.

Que dizer do nível da inundação fixada em 2900 a.C.? Aqui pelo menos temos algo a ver com quatro cidades: Kish, Shuruppak, Uruk (a Ereque bíblica) e Lagash. Kish é a que fica mais ao norte, perto de Babilônia. Shuruppak estava localizada num canal, no centro-sul da Mesopotâmia.   famosa na tradição literária como a cidade da qual Atra-hasis, o herói do dilúvio, saiu. Uruk está situada no mesmo canal que Shuruppak, bem mais ao sul. Lagash encontra-se num canal mais para o leste, no sul da Mesopotâmia. A camada de solo estéril de Lagash, contudo, talvez não tenha vindo da inundação de um rio local ou de um canal, mas sim da fundação de um dos seus templos, de acordo com André Parrot, que escavou Telloh em 1930 e 1931.

As escavações em Kish levaram a quatro níveis diferentes de argila, e não um. Estendiam-se sobre um período de quatro séculos, segundo os escavadores. O mais antigo foi fixado por volta de 3300 a.C.; o último, em 2900 a.C. O estrato superior tinha cerca de 30 cm de espessura. A questão  : qual desses quatro níveis locais de inundação devia ser escolhido como a base para construir uma lenda de dilúvio para o texto bíblico? Nenhum deles parece ser tão importante, e a multiplicidade de camadas diminui o entusiasmo em identificar qualquer deles com a história bíblica.

Os outros dois lugares poderiam parecer candidatos um pouco mais legítimos. Shuruppak, a moderna Tell Fara, foi escavada por Eric Schmidt. Em suas escavações de 1930 e 1931, Schmidt achou um depósito aluvial da espessura de 60 cm, que datava do começo do terceiro mil nio a.C. Uruk estava localizada no mesmo canal, mas a uma boa distancia mais ao sul. Julius Jordan em suas escavações de 1929 achou aí um estrato estéril de um metro e meio.

Assim, dos quatro lugares envolvidos nesse período de tempo, um tinha níveis múltiplos de sedimento de inundação local; um não tinha sedimento algum de inundação; e dois tinham dois níveis de sedimento. Isso se compara com os dois lugares do período anterior, que têm também tinham sedimentos. Assim, umas compensam as outras, as

inundações anteriores e posteriores. As inundações continuam até os tempos modernos. Houve uma grande inundação na região central do Iraque, em 1948.

É interessante observar que a maior parte desses lugares foi escavada mais ou menos ao mesmo tempo, entre 1929 e 1932. Dessa forma, a história local do dilúvio parece ser uma idéia em voga por volta de 1930, motivada pela sugestão de Wooley.

Quando o caso é considerado como um todo, no entanto, as provas arqueológicas para essa teoria são insuficientes. Os sedimentos de inundações junto aos rios eram irregulares, ora afetando uma cidade, e não outra, nas proximidades. Dos seis lugares estudados, somente um deles era situado sobre um grande rio: Nínive, sobre o Tigre. O resto era situado sobre canais que saíam dos rios, e não sobre eles. Provavelmente, essa teoria devesse ser chamada a teoria mesopotâmica do Dilúvio.

#### A ling stica

O povo que vivia nessa área durante tais inundações fluviais, estava bem familiarizado com elas e as descrevia de vários modos. Mas havia um outro termo para o Grande Dilúvio – *abubu*, no idioma ac dio. Esse termo nunca foi usado para inundações locais, mas para um dilúvio maior no qual o herói salvou sua família por meio de uma arca. Também foi empregado para descrever o ataque das hordas ass rias sob certos reis. Nesses casos, o exército assírio esmagava seus inimigos como o *abubu*. O paralelo é bem mais válido quando comparado ao Grande Dilúvio da Mesopotâmia do que com uma inundação de um rio local. É assim que os reis assírios queriam dizer quão fortes eles eram.

O hebraico bíblico faz algo semelhante. Existe um termo especial para o dilúvio de Noé – *mabbul* – usado apenas em dois lugares: G n. 6 a 9 e Sal. 29. O salmista diz que “O Senhor preside aos dil vios” (Sal. 29:10). Isso coloca o dilúvio de Noé não apenas como uma inundação qualquer de um rio local. Esse é um salmo que descreve a tempestade do poder divino. Jeová  . E controla os elementos da Natureza, segundo o Seu propósito. Isso era verdade mesmo durante o maior cataclisma que o mundo testemunhou, o dilúvio de Noé. Do mesmo modo que os reis da Assíria comparavam o

poderio de seus exércitos com a maior potência jamais vista na Natureza, Deus compara Seu poder com aquela Sua manifestação, jamais vista na Terra.

Pode haver uma relação entre os dois termos. Não é certo se o da língua semítica oriental acrescentou as consoantes quando foi adotado pelo semítico ocidental, ou vice-versa, o que resultaria no termo composto (*m*)*abubu(l)*. A etimologia do termo é obscura em ambos os idiomas, mas aquilo a que se aplica é muito claro: somente para o Grande Dilúvio.

### Tradições literárias

As histórias do Dilúvio possuem dois elementos principais: um trata da sua extensão, em termos de descrição; o outro refere-se aos resultados. Em ambos os casos, nas duas culturas e nos dois idiomas, a diferença entre o Grande Dilúvio e as inundações era bem reconhecida. O primeiro aspecto disso é a questão da terminologia inclusiva, como se vê na história do dilúvio bíblico. A questão aqui envolvida é: quão inclusiva era aquela língua? Gerhard Hasel tratou desse assunto num artigo intitulado “The biblical view of the extent of the flood”, na revista *Origins* 2, em 1975, págs. 77 a 95. Ele assinala que a expressão “face de toda a Terra” é usada 46 vezes em Gênesis 6 a 9. A frase “toda carne” aparece 13 vezes. Três vezes aparece a expressão “toda criatura vivente”. E Gên. 7:19 menciona “debaixo do Céu”. Essas frases se referem à extensão do Dilúvio. É verdade que no hebraico o termo *todo* nem sempre significa totalidade, mas nos mencionados capítulos de Gênesis, onde é apoiado pela multiplicidade de tais expressões, certamente devia ter esse significado.

A versão do Dilúvio que se acha no poema de gilgamés diz o mesmo: “toda a humanidade virou barro” (XI:133). Utnapishtim, o herói do dilúvio, abriu a janela de sua arca e contemplou a terra seca. É também interessante notar que não foi a subida dos rios por causa da fusão da neve na Anatólia que causou o dilúvio. Segundo Utnapishtim, o fenômeno foi causado por uma tempestade vinda das nuvens, acompanhada de relâmpagos. Quando prestes a testar as possibilidades de abandonar a arca, ele também soltou aves, como Noé. Os primeiros dois pássaros, uma pomba e uma andorinha, voltaram à ar-

ca porque “nenhum lugar de pouso era visível” (XI:148, 151). Não há dúvida aqui sobre a vasta extensão do dilúvio.

A parte sobre a tempestade que provocou o dilúvio falta no tablete Gênesis, sumério de Eridu, e do épico de Atra-hasis. Mas as partes que sobreviveram nos contam da seqüela no panteão. Uma disputa extraordinária surgiu entre os deuses. A maior parte deles estava arrependida por haver trazido o dilúvio e destruído a humanidade. Enlil, porém, o primeiro-ministro entre os deuses e o maior culpado pelo dilúvio, teve uma reação oposta. Ele descobriu que algumas pessoas tinham escapado e sobrevivido. Ficou furioso. O propósito do dilúvio era acabar com a humanidade inteira, e o fato de que alguns escaparam era absolutamente contrário a seu desígnio, o que explica o seu furor. Ele fora enganado por Anki (Ea), o deus da sabedoria, que instruíra o herói do dilúvio para que construísse um barco e recolhesse a bordo sua família e os animais.

Parte do diálogo pode ser recuperada do épico de Atra-hasis. A deusa que tinha dado forma à humanidade lamentava a decisão de trazer o dilúvio: “Na assembléia dos deuses, como comandi eu, junto com eles, destruição total?” Lamenta que Anu, o deus principal, concordou com essa decisão: “Aquele que não considerou mas causou o dilúvio e consignou os povos à destruição?” (*Atra-hasis*, págs. 95, 97 e 99). A ira de Enlil é revelada quando pergunta: “Onde escapou a vida? Como sobreviveu o homem à destruição?” (*Idem*, pág. 101).

Enki tem de confessar que foi ele o “responsável por salvar vidas”. A mesma idéia é expressa pela informação que Enki transmitiu a Ziusudra, o herói do dilúvio na versão suméria. Ao adverti-lo a se preparar para o dilúvio iminente, ele disse: “A decisão de que a humanidade dovesse ser destruída foi feita; um veredito, uma ordem pela assembléia [divina], não pode ser revogada.” (*Journal of Biblical Literature* 100, 1981: 523).

De tudo isso infere-se que era intenção de Enlil destruir toda a humanidade com o dilúvio. Os deuses na assembléia votaram a favor, mas se arrependeram depois. Quando uma parte da humanidade escapou, o intento de Enlil foi frustrado e ele irou-se, porque tinha resolvido destruir todo ser humano, e devido à atitude enganosa de Anki em relação a ele, alguns conseguiram escapar.

A narrativa bíblica do Dilúvio se aproxima dessa versão, mas faz uma alusão moral distinta da narrativa mesopotâmica. Deus estava aborrecido com a impiedade humana, mas decidiu salvar os poucos justos por

meio da arca de Noé (Gên 6:4 a 8). Não se poderia fazer isso, nem na escala bíblica, nem na de Babilônia, somente com uma inundação local. Requer-se um dilúvio universal para destruir a humanidade.

## Evidência geológica do dilúvio

Um acontecimento como o dilúvio narrado em Gênesis haveria de deixar evidências significativas nas camadas rochosas de Terra. Ao serem elas examinadas, descobertas importantes sugerem uma interpretação na base de um dilúvio. Durante um dilúvio universal, era de se esperar uma atividade catastrófica tão rápida quanto extensa, e a evidência disso pode ser vista. Devemos ter em mente, porém, que, ao tratar de um acontecimento passado como esse, estamos lidando com interpretações e não com observações diretas.

Eis algumas características das rochas que sugerem um dilúvio universal:

**1. Sedimentos marinhos sobre os continentes.** No mundo, cerca da metade dos sedimentos sobre os continentes atuais veio do mar. Como é que tanto material marinho foi depositado sobre os continentes, se o normal era esperar-se que ficassem no oceano? A distribuição extensa de mares sobre os continentes é, certamente, uma situação que difere de hoje, e ela é coerente com a crença num dilúvio universal.

**2. Abundante atividade de água subterrânea nos continentes.** Evidência disso é percebida em grandes "leques submarinos" antigos e outros depósitos submarinos, como as turvações encontradas nos continentes. Turvações são aglomerações de rochas, limo, areia e partículas de argila depositadas em camadas sob a água. Estudos de turvações demonstraram que enormes depósitos de vários metros de espessura e cobrindo até 100 mil quilômetros quadrados, podem ser depositados no oceano em questão de horas depois de terremotos. Milhares de camadas de sedimento sobre os continentes, outrora considerados como tendo sido depositados através de longos períodos em água rasa, agora são vistos como depósitos rápidos de turvações, como é próprio esperar-se durante o dilúvio bíblico.

**3. Distribuição ampla de sedimentos exóticos.** Muitas camadas de sedimento exótico cobrem áreas tão grandes que é difícil crer que foram depositadas lentamente sob condições não-catastróficas. Por exemplo, no oeste dos Estados Unidos, o conglomerado de Shinarump, que tem uma espessura de 30 metros, cobre quase 250 mil quilômetros quadrados. A formação Morrison, de 100 metros de espessura, que contém os restos de muitos dinossauros, se estende sobre mais de 1 milhão de quilômetros quadrados, e o grupo Shinle, que encerra madeira petrificada, cobre 800 mil quilômetros quadrados.

**4. Ausência de erosão nas lacunas das camadas sedimentares.** Frequentemente há lacunas na seqüência de camadas sedimentares de terra. Podemos identificar essas lacunas, comparando-as com outras séries de camadas e fósseis encontrados alhures. Amiúde vastas camadas geológicas, datadas de uma época pela escala geológica padrão, jazem sob uma outra considerada muito mais recente. Os estratos que representam o longo tempo que se admitiu entre as camadas, faltam em algumas localidades. Contudo, nessas lacunas, as camadas inferiores mostram pouca evidência de erosão que certamente teria ocorrido se tivessem existido por muitos milhões de anos. Com efeito, segundo a erosão média corrente, as camadas em questão – e muito mais – teriam sofrido erosão nesse período de tempo. A falta de erosão na maior parte dessas lacunas sugere depósito rápido, como havia de se esperar no caso de um dilúvio, quando havia pouco tempo para a erosão.

**5. Sistemas ecológicos incompletos.** Em vários estratos que contêm fósseis, tais como o arenito de Coconino, da região do Grand Canyon, e a formação Morrison, do oeste dos Estados Unidos, achamos boa evidência de fósseis animais, mas pouca ou nenhuma evidência de plantas. Os animais requereriam plantas como alimento. Contudo, poucas plantas foram encontradas no Morrison, que encerra restos de muitos dinossauros, e nenhuma planta foi encontrada no Coconino, com suas centenas de rastros de animais. Como poderiam os animais sobreviver durante milhões de anos sem nutrição adequada? A seleção operada e a ação rápida que se havia de esperar das águas do Dilúvio parece ser uma explicação mais plausível. – *Ariel Roth, Ph.D., Instituto de Pesquisa Geológica.*

# Compreendendo Israel na profecia

HANS K. LaRONDELLE

*Ph.D., professor emérito do Seminário Teológico da Universidade Andrews, Berrien Springs, Michigan, EUA*

**F**é em Jesus como o Messias das profecias sobre Israel é uma qualificação essencial para o intérprete cristão do Velho Testamento. Os intérpretes que não conseguem ver a Cristo no coração dos escritos do Velho Testamento estão incapacitados para dar qualquer explicação sobre o significado das profecias relacionadas com Israel. Usando as palavras de Paulo, diríamos que “os sentidos deles se embotaram” (II Cor. 3:14).

Para o apóstolo Paulo, a verdade central do Velho Testamento não era Israel e seu futuro nacional, mas Jesus, o Messias, o Senhor de Israel, o Redentor do mundo (Rom. 16:25 a 27; Gál. 3:16 e 29; Fil. 3:3 a 10).

A questão fundamental que se impõe é a seguinte: Estão os cristãos autorizados a tomar o Velho Testamento como uma unidade fechada, isolada do testemunho do Novo Testamento acerca do seu cumprimento? Ou devem eles aceitar o Velho e o Novo Testamentos juntos, como uma revelação orgânica de Deus em Cristo Jesus?

O próprio Deus é o intérprete de Sua palavra. As palavras das Escrituras recebem seu significado e mensagem do Seu divino autor, e devem ser constantemente relacionadas à Sua vontade a fim de que a própria interpretação de Suas antigas promessas possa ser ouvida com base num “assim diz o Senhor”. Promessas concernentes a Israel como um povo, dinastia, lei, cidade, monte, etc., não são apenas promessas para a segurança nacional, mas constituem parte integral do progressivo plano divino de salvação.

O Novo Testamento enfatiza a verdade que Deus tem cumprido a promessa abraâmica em Jesus e tem renovado Seu concerto com Israel através de Cristo em uma “superior aliança” (Heb. 7:22), introduzindo uma “esperança superior” (V. 19) para todos os crentes cristãos israelitas e gentios (Heb. 8).

Assim os apóstolos testemunham um cumprimento básico da promessa do Velho Testamento em Jesus.

O pleno sentido teológico da história israelita pode ser captado apenas por aqueles que crêem em Jesus como o Messias, que a aliança de Deus com as 12 tribos de Israel é cumprida e completada – não adiada – na aliança de Cristo com os 12 apóstolos (II Cor. 2; Heb. 4). A compreensão central do evangelho de Cristo e sua esperança profética é que a Igreja de Cristo está direcionada para o cumprimento do propósito divino da eleição de Israel: ser uma luz salvadora para os gentios. Na tipologia bíblica, não é Cristo apenas que é o antítipo, mas Cristo e Seu povo, unidos no propósito salvífico de Deus para o mundo.

## No Velho Testamento

**O** primeiro uso da palavra “Israel” na Bíblia aparece em Gênesis 32, e apresenta uma explicação da origem do significado desse novo nome. Perto de entrar na terra de Canaã, o culpado Jacó, temendo por sua vida, travou uma batalha certa noite com um desconhecido “Homem”, que aparentava possuir uma força sobrenatural. O fugitivo Jacó persistentemente suplicou àquele Homem que o abençoasse. E a resposta foi dada: “Já não te chamarás Jacó, e, sim, Israel: pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste.” (Gên. 32:28).

Mais tarde, o profeta Oséias interpretou a luta de Jacó como sendo uma luta travada “com Deus”, “com o anjo” (Oséias 12:3 e 4). O nome Israel é assim revelado ser de origem divina. Ele simboliza a nova relação espiritual de Jacó com Jeová e lhe mostra a graça perdoadora de Deus. O restante das Escrituras nunca perde de vista a sagrada raiz do nome. Oséias apresenta a luta de Ja-

có e sua confiança em Deus como um exemplo a ser imitado pelas tribos apóstatas de Israel (vs. 3 a 5; 14:1 a 3). Em outras palavras, a luta de Jacó travada com Deus é estabelecida como um protótipo do verdadeiro Israel, como um modelo normativo para a casa de Israel tornar-se o Israel de Deus.

As profecias de Isaías, contidas nos capítulos 40 a 66, prometem a restauração de Israel depois do exílio assírio-babilônico. Aí nós encontramos a segurança do ajuntamento fora da grande dispersão; o foco profético não é exclusivamente sobre os descendentes físicos de Jacó. Isaías vê que, entre o Israel pós-exílico, muitos não israelitas que escolheram cultuar a Deus deveriam ser reunidos. Duas classes de pessoas, estrangeiros e eunucos, que tinham sido proibidas de entrar e louvar na assembléia de Deus (Deut. 23:1 a 3) são, agora, bem-vindas ao louvor no novo templo sobre o Monte Sião, na condição de que aceitem o sábado do Senhor e se firmem no concerto de Deus (Isa. 56:4 a 7; 45:20 a 25).

Quando os gentios se reunirem em fé e obediência ao Senhor (Isa. 56:3), o Deus de Israel lhes dará um “nome eterno” (v. 5). Dessa forma, Isaías expõe como a expectativa universal de Deus para o mundo seria cumprida através do novo Israel. A característica essencial desse novo Israel não é a descendência étnica de Abraão, mas a fé de Abraão, o louvor a Jeová. Crentes gentios desfrutarão os mesmos direitos e esperanças das promessas do concerto feito com os israelitas.

Jeremias usa o nome Israel de várias formas, dependendo de cada contexto. Entretanto, ele não focaliza suas promessas sobre a restauração de Israel como um Estado politicamente independente, mas sobre Israel como um povo restaurado de Deus, reunido de todas as 12 tribos. O novo concerto que Deus estabeleceria com a casa de Israel e a casa de Judá, depois do cativeiro babilônico, será explicitamente diferente do concerto do Sinai (Jer. 31:31 a 34). O Israel restaurado seria um remanescente de oração e adoração, de todas as 12 tribos nas quais cada israelita tem experimentado individualmente um relacionamento salvador com Deus e de obediência à Sua santa Lei, sem coração dividido (V. 6; 32:38 a 40).

Ezequiel, ele próprio deportado para Babilônia em 597 a.C., também predisse que um novo Israel espiritual retornaria do exílio de todas as nações para a sua pátria. “Volta-

rão para ali, e tirarão dela os seus ídolos detestáveis e todas as suas abominações. Dar-lhes-ei um só coração, espírito novo porei dentro neles; tirarei da sua carne o coração de pedra, e lhes darei coração de carne; para que andem nos Meus estatutos, e guardem os Meus juízos, e os executem; eles serão o Meu povo, e Eu serei o seu Deus. Mas, quanto àqueles cujo coração se compraz em seus ídolos detestáveis e abominações, Eu farei recair sobre suas cabeças as suas obras, diz o Senhor Deus.” (Eze. 11:18 a 21).

Essa e outras predições feitas por Ezequiel (36:24 a 32; 37:22 a 26) acentuam que a preocupação central de Deus com Israel é sua restauração não a um Estado político, secular, mas como uma teocracia unida, um povo espiritualmente puro e verdadeiro adorador de Deus.

O Israel pós-exílico foi uma comunidade religiosa centralizada ao redor do reconstruído templo, não ao redor de um trono real. Embora a maioria dos que retornaram do exílio fosse das tribos de Judá e Levi, esse remanescente espiritual olhava-se a si mesmo como a continuação e representação do Israel de Deus (Esd. 2:2 e 70; 3:1 e 11; 4:3; 6:16, 17 e 21; Nee. 1:6; 2:10; 8:1 e 17; 10:39; 12:47; Mal. 1:1 e 5; 2:11). O último profeta, Malaquias, enfatizou que aqueles israelitas que “temem ao Senhor” são o povo de Deus, e que apenas aqueles “que servem a Deus” são reconhecidos como o “particular tesouro de Deus” no último dia do julgamento (Mal. 3:16 a 4:3). Judá é visto como os filhos de Jacó e herdeiros do concerto de Deus com Israel (Mal. 1:1; 2:11; 3:6; 4:4).

Em suma, o Velho Testamento usa o nome Israel de muitas formas. Primeira, ressaltando a comunidade religiosa do concerto, o povo que adora a Deus em espírito e em verdade. Segunda, denota um grupo étnico distinto, ou nação, que é chamado para ser o Israel espiritual de Deus. O significado original do nome Israel, como um símbolo de aceitação por Deus, através de Sua graça perdoadora (Gên. 32:28), conserva para sempre o sagrado padrão para o qual os profetas chamam as tribos naturais de Israel de volta (Oséias 12:6; Jer. 31:31 a 34; Eze. 36:26 a 28).

Sempre que os profetas do Velho Testamento descrevem o remanescente escatológico de Israel, ele é caracterizado como uma fiel comunidade religiosa que adora a Deus com um novo coração, na base de um novo

concerto (Joel 2:32; Sof. 3:12 e 13; Jer. 31:31 a 34; Eze. 11:16 a 21). Esse remanescente fiel do tempo do fim se tornará testemunha de Deus entre todas as nações e inclui não-israelitas indiferentes à sua origem étnica (Zac. 9:7; 14:16; Isa. 66:19; Dan. 7:27; 12:1 a 3).

### Novo Israel

**A** Igreja cristã não foi criada pela pregação de Paulo entre os gentios, mas pelo ministério pessoal de Cristo dentro do judaísmo palestino. Por ocasião de Seu batismo, Ele foi revelado a Israel como o Messias da profecia. Deus O ungiu com o Espírito Santo (Atos 10:38) e anunciou dos Céus que Ele deveria cumprir o papel messiânico de tirar os pecados do mundo como o Cordeiro de Deus (João 1:29 a 34 e 41; Mat. 3:16 e 17). Sua vinda a Israel foi o maior teste para o relacionamento da nação judaica com o concerto de Deus. Esse teste veio na forma da reação nacional a Cristo como Messias. Ele era a “rocha de escândalo”, a “pedra de tropeço” para Israel (Rom. 9:32 e 33; 1 Ped. 2:8).

Jesus insistiu na tentativa de atrair todo o Israel ao redor de Si mesmo. “Quem não é por Mim, é contra Mim; e quem comigo não ajunta, espalha” (Mat. 12:30). E disse mais: “Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a Mim Me convém conduzi-las; elas ouvirão a Minha voz; então haverá um rebanho e um pastor.” (João 10:16).

Como Pastor messiânico, Cristo Se declarou o cumprimento das promessas do concerto feito com Israel no sentido de reuni-lo em torno de Si e, mais que isso, reunir também os gentios (João 12:32). Ao ordenar oficialmente 12 discípulos como Seus apóstolos (Mar. 3:14 e 15), Cristo constituiu um novo Israel, o remanescente messiânico israelita, e o nomeou Sua Igreja (Mat. 16:18). Assim, Cristo fundou Sua Igreja como um novo organismo com sua própria estrutura e autoridade, contemplando-a com “as chaves do reino dos Céus” (Mat. 16:19).

A decisão final de Cristo a respeito da nação judaica teve lugar no fim de Seu ministério, quando os líderes nacionais tinham determinado rejeitar Sua reivindicação como seu Redentor. Suas palavras, em Mat. 23, revelam que a culpa de Israel diante de Deus alcançara sua plenitude (Mat. 23:32). Finalmente, deu o veredicto: “Portanto vos digo

que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos.” (Mat. 21:43). Isso significava que o povo judeu não continuaria sendo, por muito tempo mais, a nação teocrática, e que o verdadeiro Israel seria então um povo que aceitasse o Messias e Sua mensagem do reino de Deus.

Que outro povo era esse que Jesus tinha em mente? Certa ocasião Ele demonstrou surpresa de que um centurião romano tivesse mostrado mais fé nEle do que qualquer israelita tivesse demonstrado antes. “Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos Céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes.” (Mat. 8:11 e 12).

Está claro que Jesus não prometeu o reino de Deus – a teocracia – a uma outra geração de judeus num futuro distante, como os escritos dispensacionalistas pretendem, mas a todos os povos crentes em Cristo, de todas as raças e nações, “do Oriente e do Ocidente”.

Somente em Cristo poderia Israel, como nação, ter permanecido como o verdadeiro povo do concerto divino. Rejeitando a Cristo como o Rei apontado, a nação judaica falhou no teste decisivo do cumprimento dos propósitos de Deus para os gentios. Cristo, entretanto, renovou o concerto divino com os 12 apóstolos. Ele transferiu o chamado divino do antigo Israel para Seu rebanho messiânico, a fim de ser a luz do mundo (Mat. 5:14) e fazer “discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. (Mat. 28:19).

Deus não dependia da nação israelita para o cumprimento de Seus propósitos em relação ao mundo. Seu plano não poderia ser frustrado ou postergado pela rejeição de Israel ao Messias. O Dia de Pentecoste provou que Deus mantinha-Se fiel ao plano. Precisamente quando a festa aconteceu (Atos 2:1; literalmente, “foi completada”), novos e dramáticos eventos tomaram lugar em cumprimento da profecia. Do Céu, Cristo derramou Seu Espírito sobre Seus fiéis discípulos.

### O remanescente

**O**s apóstolos ressaltaram que as ocorrências como a morte, ressurreição e ascensão, na vida de Cristo, Seu derrama-

mento do Espírito de Deus e Sua entronização à destra do Pai foram explícito cumprimento das profecias relacionadas com Israel. Pedro explicou a traição e morte de Cristo como cumprimento de “determinado desígnio e presciência de Deus” (Atos 2:23). Mesmo a perseguição da Igreja de Cristo em Jerusalém foi descrita como cumprimento de “tudo o que a Tua mão e o Teu propósito predeterminaram” (Atos 4:28).

Com respeito à ascensão de Cristo e Sua entronização como soberano davídico de Israel e da nação, Pedro evoca o Salmo 110, dizendo: “Porque Davi não subiu aos Céus, mas ele mesmo declara: ‘Disse o Senhor a meu Senhor: Assenta-Te à minha direita, até que Eu ponha os Teus inimigos por estrado dos Teus pés.’ Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que este Jesus que vós crucificastes, Deus O fez Senhor e Cristo.” (Atos 2:34 a 36).

A aplicação que Pedro faz do Salmo 110 à presente realza de Cristo, não é uma exegese literal, mas uma inspirada aplicação cristológica da profecia de Davi. O método apostólico de interpretação do Velho Testamento é aplicar as profecias relacionadas com Israel à luz da pessoa e missão de Cristo. Portanto não existe algo como um adiamento do reinado de Cristo, mas apenas novo progresso e cumprimento. “Quase três mil” judeus aceitaram a interpretação de Pedro e foram batizados em Cristo.

A interpretação de Pedro sobre o derramamento do Espírito Santo, como cumprimento direto da profecia de Joel para os últimos dias, confirma o conceito de que a Igreja não era uma entidade imprevista no Velho Testamento. Ao contrário, ela foi o cumprimento da profecia de Joel sobre o remanescente. Assim a Igreja não é uma reflexão tardia ou interrupção do plano de Deus para Israel em relação ao mundo, mas a realização divina do remanescente escatológico israelita.

Logo após o derramamento do Espírito de Deus sobre a Igreja, Pedro falou categoricamente: “E todos os profetas, a começar com

Samuel, assim como todos quantos depois falaram, também anunciaram estes dias.” (Atos 3:24). Em outras palavras, desde o Pentecoste, todas as promessas concernentes ao remanescente de Israel receberam seu cumprimento na formação da Igreja apostólica. Ela foi claramente profetizada nas promessas sobre o remanescente do Velho Testamento. Pedro dirigiu-se às igrejas cristãs de seu tempo, espalhadas pelo Oriente Médio (I Ped. 1:1), com o honrado título de Israel: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes dAquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz.” (I Ped. 2:9).

Embora não utilize a expressão “Israel”, Pedro aplica o chamado feito a esse povo à Igreja. É sua interpretação eclesiológica do concerto de Deus com Israel (Êxo. 19:5 e 6). Tal

aplicação é o crescimento da interpretação cristológica das profecias messiânicas. Tal como o corpo está organicamente ligado à cabeça, assim é a Igreja em relação ao Messias. A interpretação eclesiológica remove as restrições étnicas e nacionais do Velho Concerto. O povo do novo concerto não seria por muito tempo caracterizado por raça ou nacionalidade, mas exclusivamente pela fé em Cristo. Isso pode ser chamado a espiritualização de Israel, por Pedro, como uma “nação santa”. No decorrer da epístola, ele pensa na tipologia pascal ao falar desses cristãos como “raça eleita”, “povo de propriedade exclusiva de Deus”, pois foram resgatados “pelo precioso sangue, como de Cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo”. (I Ped. 1:18 e 19).

Finalmente, a descrição de Pedro sobre a Igreja como sendo chamada “das trevas para a Sua maravilhosa luz”, sugere fortemente uma analogia com o Êxodo de Israel da casa da servidão. Assim como o Israel antigo experimentou o êxodo da salvação com o objetivo de glorificar a fidelidade de Jeová, a Igreja experimenta sua presente salvação do

---

---

**Somente em Cristo poderia  
Israel, como nação, ter  
permanecido como o  
verdadeiro povo do concerto  
divino. Rejeitando a Cristo,  
a nação judaica falhou no  
teste decisivo do  
cumprimento dos propósitos  
de Deus para os gentios.**

---

---

domínio das trevas, a fim de propagar “as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz”. Isso confirma o pensamento de que a comunidade cristã é o verdadeiro Israel.

### A terra prometida

Os profetas descrevem a terra prometida aos patriarcas e à Israel consistentemente em termos teológicos: como um dom gracioso de Deus ou bênção para Seu povo do concerto (Gên. 12:1 e 7; 13:14 a 17; 15:18 a 21; Deut. 1:5 a 8; Sal. 44:1 a 3). A própria terra é chamada a observar o sábado do Senhor (Lev. 25:2), como símbolo de propriedade divina. Ela permanece “Sua terra santa” (Sal. 78:54) enquanto o Senhor habitar no meio de Israel (Núm. 35:34). A santidade da terra de Israel é inteiramente derivada. O destino da terra, cidade e do templo depende portanto da relação religiosa de Israel com o Senhor (Lev. 26). O julgamento que Deus faz de Israel está vinculado ao julgamento da terra, porque ela é Sua terra ou herança. “Também a terra não se venderá em perpetuidade, porque a terra é Minha; pois vós sois para Mim estrangeiros e peregrinos.” (Lev. 25:23). Tanto o povo do concerto como sua terra dependem de Deus.

Quando Israel tornou-se persistentemente infiel ao concerto, o senhor tomou Sua herança de volta (Jer. 17:1 a 4; 15:13 e 14). Isso significa a dispersão de Israel entre os gentios e a devastação da terra (Isa. 1:5 a 9; Jer. 4:23 a 26). Com a rejeição de Israel como uma nação infiel, Deus também rejeitou sua terra, não abençoando-a.

### Território expandido

No Sermão da Montanha, Cristo prometeu o reino dos Céus aos “pobres de espírito” (Mat. 5:3); aos mansos ou humildes Ele prometeu a Terra (Mat. 5:5). Duas conclusões devem ser tiradas aqui: primeira, aos Seus seguidores espirituais, Jesus designou toda a terra, junto com o reino dos Céus, como sua herança. Segunda conclusão, Ele aplicou a herança territorial de Israel à Igreja, ao ampliar a promessa original da Palestina, incluindo a Nova Terra. Davi assegurou aos israelitas que suportaram a repressão dos ímpios que Deus vindicaria sua confiança nEle: “Mas os mansos herdarão a Terra e se deleitarão na abundância de paz...

Os justos herdarão a Terra e habitarão nela para sempre.” (Sal. 37:11 a 29).

Cristo claramente aplica o Salmo 37 de uma nova e surpreendente maneira: A Terra será mais extensa do que o que Davi pensava; o cumprimento da promessa incluirá a Terra inteira em sua recriada beleza (Isa. 11:6 a 9; Apoc. 21:22). A terra renovada será a herança de todos os mansos, oriundos de todas as nações, que aceitarem a Cristo como seu Senhor e Salvador. Cristo não espiritualiza a promessa territorial de Israel quando inclui Sua Igreja universal. Pelo contrário, Ele ampliou a área do território de modo que fosse incluído o mundo inteiro.

### Uma esperança

Abraão e seus descendentes crentes foi prometida não apenas a Palestina, mas “uma pátria superior” com uma cidade celestial (Heb. 11:10 e 16). De fato, eles olharam além da Palestina, para um novo Céu e uma nova Terra, e uma nova Jerusalém. Essa herança eterna não ficou restrita ao Israel literal. Todos os crentes estarão unidos nela: “Por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados.” (Heb. 11:40).

A Igreja de Cristo não tem outra esperança, nem outro destino, nem outra herança além daquela que Deus prometeu a Abraão e a Israel – novos Céus e nova Terra (Isa. 65:17). Isso não poderia ser declarado mais conclusivamente do que com as palavras de Pedro: “Esperando e apressando a vinda do dia de Deus, por causa do qual os Céus incendiados serão desfeitos e os elementos abrasados se derreterão. Nós, porém, segundo a Sua promessa, esperamos novos Céus e nova Terra, nos quais habita justiça.” (II Ped. 3:12 e 13).

O livro do Apocalipse reafirma que as promessas do concerto divino encontrarão seu perfeito cumprimento na nova Terra da era porvir. A lição para os cristãos é profunda, tal como John Bright conclui: “Assim, como o Israel do passado, nós temos mesmo de viver em tensão. É a tensão entre graça e obrigação: a incondicional graça de Cristo que nos é oferecida, Suas promessas nas quais somos convidados a confiar; e a obrigação de obedecer-Lhe como o Senhor soberano da igreja.” (*Covenant and Promise*, pág. 198).

# Qualidade na pregação

ALEJANDRO BULLÓN

*Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana da IASD*

A Rede Globo de Televisão cobra nada menos que um milhão de dólares pela veiculação de dez comerciais de 30 segundos, em horário nobre, em rede nacional. É muito dinheiro ganho em apenas cinco minutos. Mas existem empresas que pagam essa quantia, porque precisam vender seu produto. Elas pagam pela “atenção” humana. Evidentemente essa atenção que o ser humano demonstra quando alguém fala, vale muito; e existe um princípio psicológico segundo o qual o valor da atenção de uma pessoa é proporcional à quantidade do esforço que ela dispendeu no processo de prestar atenção.

Pense, por exemplo, numa senhora que foi obrigada a levantar cedo no sábado pela manhã, para aprontar os filhos e atender o esposo incrédulo, antes de sair para a igreja. Pense nas dificuldades que ela enfrentou para tomar o ônibus, carregando os filhos pequenos. Venceu todas as barreiras e chegou à igreja para ouvir a mensagem.

Agora pense numa outra senhora deitada confortavelmente na poltrona da sala, apertando o controle remoto para ligar a televisão. Qual das duas empreendeu maior dose de esforço? Qual das “atensões” é mais valiosa? A Globo cobra 100 mil dólares por 30 segundos de atenção da segunda mulher, cujo esforço foi apenas apertar o botão do controle remoto. Você, como pregador, não paga nada pela atenção da pessoa que, vencendo muitas barreiras, senta-se no banco da igreja para ouvi-lo.

## Jesus e as multidões

Algo está faltando na pregação moderna. Podemos senti-lo ao ver as igrejas vazias, nos cultos de domingo e quarta-feira à noite. Podemos observá-lo ao tomar conhecimento da quantidade de dinheiro gasto em propaganda, na tentativa de encher os auditórios.

Diante disso, às vezes, me pergunto: o que havia na pregação de Jesus, que jamais

fazia propaganda de Suas reuniões e mantinha Seu auditório sempre repleto? Quantas vezes Ele sentia-Se cansado, pegava o barco e atravessava para o outro lado do lago a fim de descansar; e, quando ali chegava, a multidão já havia corrido pelo continente e se encontrava pronta para ouvi-Lo outra vez! Que segredo tinha a pregação de Jesus, que até as crianças se esqueciam de comer para poder ouvi-Lo? Lembra-se do garoto que levou os pães e os peixes? Ele estava com o lanche na cesta. Havia passado horas desde que saíra de casa, mas a pregação do Mestre era tão cativante que ele se esqueceu do lanche.

Por que as crianças correm de um lado para outro, às vezes, quando estamos pregando? Por que as pessoas dormem durante a pregação? Por que olham constantemente para o relógio como que suplicando que o sermão logo termine? O que falta em nossa pregação?

Estamos introduzindo um curso objetivo de pregação que será desenvolvido em 12 números subsequentes de *Ministério*. Não pretendemos seguir a linha tradicional dos livros de homilética. Falaremos da nossa experiência pessoal. Daquilo que deu certo, ou não funcionou em nossa pregação, nestas três décadas de ministério. Partilharemos os momentos felizes e tristes; falaremos das ocasiões em que deixamos o púlpito frustrado, sentindo que havia falhado, e daquelas ocasiões felizes em que pudemos ver as bênçãos divinas na vida de milhares de pessoas, através da pregação.

Aprendemos alguma coisa ao longo dos anos, pregando e ouvindo pregar, lendo e observando, errando e acertando. E, achamos que chegou o momento de escrever algo para ajudar os pregadores mais jovens que estão surgindo.

Alguns conceitos parecerão contraditórios. Pode ser que nem se encaixem num programa acadêmico. Mas funcionaram e continuam dando certo. Então, por que não experimentá-los?

## Crescimento é o alvo

Você pode crescer em sua tarefa de pregador. Esse crescimento é similar àquele que deve ser experimentado em qualquer área da vida. Quanto mais uma pessoa pratica natação, melhor nadadora ela se torna. Quanto mais dirige um veículo, melhor motorista consegue ser. Mas, para crescer, é preciso dedicar tempo e esforço. Talvez aqui esteja o motivo pelo qual muitos pastores não progredem como pregadores.

A maioria dos pastores vive ocupada. Há tanta coisa para fazer, desde a manhã até a noite. Alguém disse que o pastor vive tão ocupado como um gato de um só olho, que tem a obrigação de vigiar dois camundongos em extremos opostos. Só que a vida tem demonstrado que, quando dizemos: "não tenho tempo", na realidade, não estamos descrevendo um fato, mas inventando uma desculpa. Porque é sabido que geralmente temos tempo para aquilo que queremos.

Os ministros adventistas, talvez pela origem profética e pelo senso de urgência da Igreja, tem dado ao longo da História mais importância à missão do que à pregação, esquecendo que a pregação é o instrumento poderoso que Jesus nos deixou para o cumprimento da missão.

Quando Cristo esteve na Terra, nunca aceitou uma desculpa para o descuido da pregação. Certa ocasião, um jovem apresentou o caso da morte de seu pai como motivo para adiar seu dever de pregador, e a resposta do Mestre foi: "Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Tu, porém, vai e prega o reino de Deus." (Luc. 9:60).

Eu não sei que desculpas estamos apresentando hoje a Jesus para não crescer cada dia como pregadores, ou para não dedicar mais tempo e esforço a fim de melhorar nossa habilidade na comunicação do evangelho.

## A medida do sucesso

Parentemente a Igreja dá importância à pregação. Uma das primeiras

coisas que se vê, ao entrar-se num templo, é o púlpito, lá na frente, num lugar de destaque. Algumas igrejas até se preocupam em elaborar púlpitos bonitos, de madeira nobre, ou de vidro, com linhas estilizadas e formas modernas. Mas, isso não basta. É preciso avançar; é preciso dar importância ao que vai ser falado daqueles belos púlpitos.

Você precisa crescer e se tornar um pregador de sucesso. Mas, por favor, não confunda as coisas. O sucesso na pregação não é medido por aplausos, nem pelo número de vezes em que sua fotografia aparece nos jornais e revistas. Esse tipo

de "sucesso" pode tornar a pregação barata. Seu objetivo pode se limitar apenas a entreter, agrandar, fazer rir. A pregação verdadeira tem como grande objetivo transformar vidas. Pode você ver o brilho nos olhos das pessoas que ouvem seu sermão? Pode você vê-los retornando para casa e reconstruindo seus lares? Pode ver os grilhões de vícios e pe-

cados que os escravizaram completamente destruídos pelo poder do Espírito Santo?

Você pode crescer como pregador. Mas não se atreva a medir seu crescimento pela quantidade de autógrafos que o público lhe solicita. Meça-o pelos maridos que tinham abandonado a família e retornaram para casa. Pelas prostitutas que passaram a viver com dignidade, como princesas, no reino da graça de Deus. Meça-o pelos viciados que puderam dar o grito de liberdade, e por uma igreja que cresce firme, serena, avançando confiante em Jesus para o cumprimento da missão.

O texto sagrado diz que Jesus "designou doze para que estivessem com Ele, e os enviou a pregar" (Mar. 3:14).

Você foi chamado para isso. Portanto, cresça na sua pregação e você verá sua congregação mais fiel, mais consagrada, feliz e cumprindo com alegria a missão de evangelizar o mundo.

---

Algo está faltando  
na pregação moderna.  
Podemos senti-lo ao  
ver as igrejas  
vazias, nos  
cultos de domingo  
e quarta-feira à noite.

---

# Sem perda de tempo

DOUG BURRELL

*Pastor batista em Rome, Geórgia, EUA*

Poucos assuntos são mais importantes na vida de um ministro do que a maneira como ele gasta seu tempo. E nós estamos cansados de técnicas bem como da abundância de livros e planos que prometem fazer-nos mais eficientes e produtivos.

Vamos encarar os fatos: muitos dentre esses livros técnicos e materiais somente acrescentam confusão. Eles são ótimos no papel, onde cada coisa pode ser magnificamente anotada e categorizada em porções de tempo, onde crianças não entram no escritório gritando com dor de barriga, ou onde os membros da igreja não aparecem com uma emergência médica. Livros teóricos e suas técnicas trabalham com o mundo ideal; mas o que dizer do contexto onde você e eu vivemos?

Como vamos nós tratar as demandas e os requerimentos do ministério, as minúcias da administração, enquanto buscamos novas maneiras de comunicar o evangelho e prover liderança e visão ao povo de Deus? Que devemos fazer, como ministros? Como estamos nós gerenciando nossa vida e empregando nosso tempo? Como podemos nos colocar acima da confusão que caracteriza nosso mundo, como líderes na igreja? É possível controlar o tempo?

Eu creio que sim. Mas apenas se o simplificarmos. A seguir, enumeramos algumas sugestões diretas, que podem ajudar a gerir nosso tempo de uma forma que agrade a Deus e nos mantenha sadios.

## **1. O tempo não espera**

Tem sido uma lição dura de aprender, mas concluí, através dos anos, que o tempo não espera por ninguém. Em outras palavras, se você tem de viajar e acorda atrasado, depois que o despertador soou, acabará perdendo o avião se não chegar ao aeroporto no horário previsto.

O tempo move-se implacável e não pára

por causa de quem quer que seja. Nesse sentido, ele não pode mesmo ser controlado ou gerenciado; nem recuperado. O tempo da nossa vida é simplesmente hoje; e, ou nós o vivemos sabiamente, ou não.

## **2. Examinar a atitude**

Charles Swindoll diz o seguinte: "Quanto mais eu vivo, mais eu me torno convencido de que a vida é 10% o que acontece comigo e 90% como eu respondo a isso." Se essa declaração é verdadeira, ela é especialmente correta em relação ao assunto do tempo na vida dos ministros.

O que nós pensamos a respeito do tempo influenciará a maneira como nos organizamos para empregá-lo. Igualmente influenciará sobre aquilo que acreditamos poder fazer ou não. Algumas vezes, compreendendo mal nossos negócios feitos para a religiosidade, nós ministros adquirimos o hábito de falar para nós mesmos sobre quanto estamos fazendo e quanto ainda necessita ser feito, até nos deparamos com a realidade de que nenhum ser humano poderia fazer tudo o que temos para fazer no modelo de tempo que nos é dado. Essa espécie de conversa consigo mesmo tende a ser uma auto-realização. Descubri que alguns pensamentos podem fazer a diferença nessa área.

Por exemplo, você poderia tentar uma aproximação do tipo "posso fazer" em relação à maneira como emprega seu tempo. Decida que você *pode* gerenciar-se enquanto dispõe de tempo para fazer as coisas que *necessita fazer*. A palavra importante nessa última sentença é *necessita*. Ela demanda algo como um espírito indagador. O que você realmente necessita fazer? Isso nos leva à terceira chave do tempo.

## **3. Escolha prioridades**

Isso não precisa ser complicado. Três pequenos cartões (5cm x 8cm) e uma caneta talvez seja tudo o que você necessita. Em um desses cartões, escreva o propósito de sua vida nos seguintes termos: "Deus me criou com

o propósito de ...". Em outro cartão, faça uma declaração expressando como você crê que esse propósito deve ser vivido. Essa declaração deveria começar com algo como "eu desejo viver meu propósito ...". No último cartão, escreva três dentre cinco alvos da vida, em ordem de importância. Guarde esses cartões consigo. Ore sobre eles; partilhe-os com sua família e com sua igreja, se puder.

O segredo é a escolha de prioridades. Não podemos ter tudo, assim como não podemos fazer tudo. Devemos buscar a direção de Deus, fazer algumas escolhas, e viver por elas. Isso nos liberta e nos guia no emprego do tempo em nossa vida.

#### **4. Fazer um orçamento do tempo**

Uma pergunta: Como é possível comer um elefante se você é um mosquito? Resposta: Com uma picada de cada vez. Parece uma referência muito simplória, mas dividir nosso tempo e nossas tarefas em pequenas porções, permite-nos fazer o que de outra forma parecia impossível.

Seguramente, muitos de nós temos experimentado o valor de ter um orçamento (ou plano) para guiar o sábio uso de finanças. Muitas congregações possuem um orçamento para orientá-las no gasto do dinheiro que recebem. E isso é bíblico. De fato, algumas vezes, o plano sofre emendas em virtude de despesas inesperadas (o teto ou o sistema de ventilação precisam ser reparados). Mas sem algum plano de ação e alvos para o ministério, nós simplesmente nos debateremos sem direção e energia. O mesmo é verdade em relação à maneira de usar o recurso do tempo.

Cada pessoa deve encontrar uma rotina que seja adequada à sua realidade. De modo que eu presumo não poder dizer exatamente o que seja melhor para você. Entretanto, é importante separar porções de tempo que o habilitarão a viver de acordo com as prioridades que Deus tem revelado para sua existência. Isso indubitavelmente significa que você deve, antes de tudo, proteger o tempo para comunhão pessoal com Deus e enriquecimento espiritual, para sua família, ler, escrever, planejar e estar com o povo.

Alguns pastores têm conseguido tomar uma semana, cada ano, e vão a um lugar retirado no campo para orar e planejar. Particularmente, uso esse período para planejar minha pregação, agenda de treinamento e trabalhar naqueles itens que não posso esquecer ou excluir da agenda. Nessa ocasião, preparo um arquivo para sermões e assuntos

a serem desenvolvidos no ano seguinte. Ai coloco temas, idéias, esboços ou materiais de apoio. Esse tipo de planejamento avançado tem muitos benefícios tanto para o ministro como para a congregação. Volto refeito, com uma nova visão para o ano seguinte e capacitado a comunicar essa visão e os detalhes do meu plano aos líderes da igreja.

Também é importante encontrar um consistente ritmo diário e semanal que possa guiá-lo através do frenesi, e ajudá-lo a cumprir as tarefas diárias e semanais do ministério, permitindo evitar o acúmulo de obrigações pendentes. Nossas personalidades tão diversificadas requerem diferentes planos e respectivos graus de estruturação, mas alguma rotina sempre é válida.

Use instrumentos simples que sejam adequados às suas necessidades. Descreva sua rotina num papel, use apontamentos, e cheque o cumprimento das tarefas. Para alguns, isso poderá ser um calendário de bolso ou uma agenda. Para outros, pode ser um bem equipado computador. Mas cada um de nós necessita conduzir suas tarefas e alvos em partes manejáveis, de tal forma que possam ser lembradas sempre. Isto deixa livre a nossa mente para estar plenamente presente com as outras, e nos permite ser criativos em nossos escritos e pregações.

#### **5. Recrutar ajuda**

Finalmente, lembre-se de que o ministério deve ser vivido como um "diálogo" e não como um "monólogo". Em outras palavras, necessitamos estar abertos a sugestões e flexibilidade em nossa rotina. Devemos estar prontos para buscar ajuda de outros, onde isso for necessário, e nos ajustarmos a nossos compromissos, de tal maneira que possamos satisfazer eficazmente as necessidades de outros. Não tema pedir ajuda.

Se você tem uma secretária ou trabalha com um assistente, deveria buscar sua ajuda. Eles poderiam, por exemplo, vigiar seu calendário de bolso e lembrá-lo sempre dos compromissos e apontamentos. Se você não tem esse tipo de ajuda, treine um membro em sua congregação para essa área. Há muitas tarefas do ministério que devem ser partilhadas e delegadas a outros. E isso lhes dá a alegria de trabalhar em parceria com você.

Encontrar a quantidade justa de tensão entre ser muito frouxo e muito rígido no dispêndio do tempo fará a diferença entre estar fora de tom ou em harmonia, no gozo do tempo que Deus concede para sua vida e ministério.

# A ira no lugar certo

RON e KAREN FLOWERS

*Diretores do Ministério da Família da Associação Geral  
dos Adventistas do Sétimo Dia*

**B**astante aborrecida, ela o observava por uma janela enquanto ele entrava na cidade à frente de um desfile. Irreverentemente, ele tirou as vestes e dançou com uma jovem, e mais outra, que assistia à festa. Geralmente – pelo menos lhe parecia isso – ele agia assim, mais como parte de uma brincadeira do que por ser o grande general.

“Eu não posso crer no que estou vendo!”, ela falou para si mesma. “Como é possível que ele me cause um embaraço desse? Como poderei encarar as pessoas e olhar para ele?!” Sua mente ficou ruminando esse monólogo que ela pretendia fazer explodir quando pudesse colocar as mãos em cima dele.

Para ele, o dia fora extremamente excitante, permitindo-lhe realizar um antigo sonho. Finalmente, conseguira trazer de volta a arca sagrada ao seu verdadeiro lugar de habitação. As emoções voaram alto enquanto ele participava com o povo. Com o fim das festividades públicas, ele podia voltar à casa a fim de encerrar o grande dia com uma celebração privada, em família. Mas antes que Davi atravessasse o portão, Mical investiu sobre ele.

“Que bela figura fez o rei de Israel hoje”, ela falou com desdém, “descobrimo-nos hoje aos olhos das servas de seus servos, como sem pejo se descobre um vadio qualquer!”

A resposta de Davi foi rápida e direta, como se fosse construída através de outros episódios semelhantes. Talvez mesmo decorada para um momento como aquele. “Perante o Senhor, que me escolheu a mim antes do que a teu pai, e a toda a sua casa, mandando-me que fosse chefe sobre o povo do Senhor, sobre Israel, perante o Senhor me tenho alegrado. Ainda mais desprezível me farei, e me humilharei aos meus olhos;

quanto às servas, de quem falaste, delas se-rei honrado.”

Esse golpe retaliatório não teve resposta de Mical, pelo menos o relatório do II Livro de Samuel não diz mais nada, além do triste fato de que Mical não “teve filhos até ao dia da sua morte”. Talvez isso sirva como um epitáfio para a morte da intimidade naquele casamento.

## Reação inevitável

**I**ra é um sentimento comum a todas as pessoas. Mas os cristãos, por assumirem uma postura negativa diante dessa realidade, tornam-se às vezes incapacitados para compreendê-la. Devido às expectativas relacionadas com o ministério, é ainda mais difícil admitir que ela também nos ameaça. Publicamente, nos esforçamos duramente para mostrar o melhor de nós mesmos, escondendo cuidadosamente a visão da ira existente em nossa vida privada. Em ocasiões de forte estresse, quando baixamos a guarda, tentamos explicá-la através de eufemismos, mencionando-a como sendo meramente uma “irritação”, um “incômodo”, ou “frustração”. Um cartum mostrava um irritado pastor respondendo a um membro que o acusara de estar irado. “Bons cristãos não ficam irados”, afirmava o clérigo. “Talvez fiquem um pouco mais agitados, mas não irados.”

Podemos lhe dar qualquer outro nome, mas a emoção é a mesma.

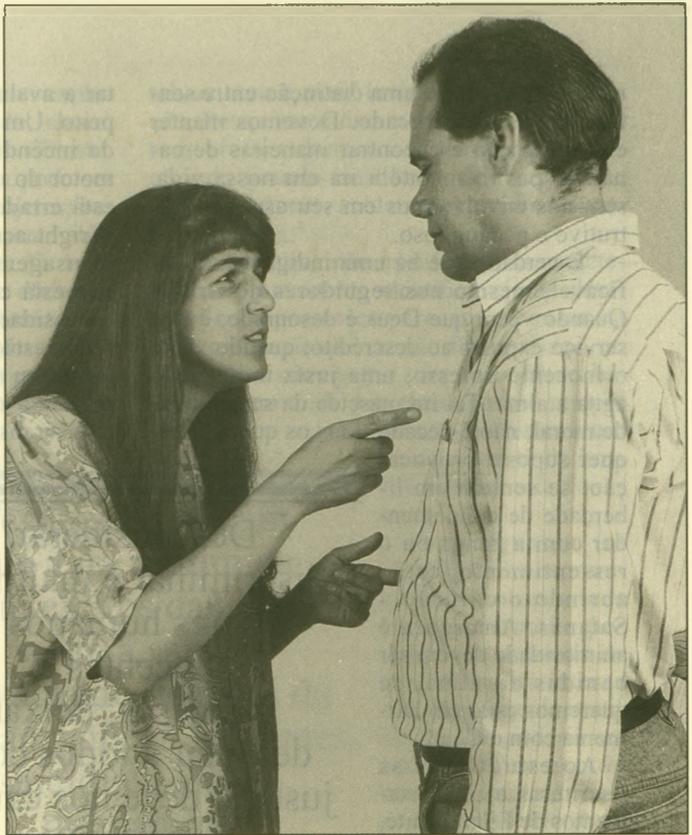
As Escrituras mostram claramente a ira como parte da natureza humana, sendo inevitável em relacionamentos íntimos. Da nossa experiência como conselheiros, conhecemos o atrito que vários casais experimentam, com seus diferentes temperamentos,

valores, personalidades, hábitos e crenças. A ira sempre acompanha o processo de reajustamento, readaptação a valores acariciados e construção de novas maneiras de relacionamento, após o fim da lua-de-mel.

Tivemos que fazer um esforço para conscientizar nossos filhos de que éramos uma família pastoral, na tentativa de estabelecer razoáveis expectativas para todos nós. Mesmo assim, a sensação de estar vivendo num aquário estava sempre presente e causava certa dose de aborrecimento. Reagiamos contra todos os que esperassem perfeição desse casal de humanos que possuíam filhos iguais aos outros. O mesmo acontecia quando nossos filhos ou, pior, nós mesmos deixávamos o disfarce cair. Ficávamos irados diante da excessiva demanda por nosso tempo e energia, ou quando nos sentíamos roubados das oportunidades para comunicação e lazer em família.

Igualmente quando nos víamos acuados entre os deveres da igreja e as responsabilidades no lar. Também ficávamos irados porque trabalhávamos duro, mas não podíamos manter o mesmo estilo de vida de outros profissionais do nosso nível. Havia ira quando notávamos que a igreja não parecia se dar conta de que, com o trabalho de um casal, tinha, na verdade, dois pastores ao preço de um. Ficávamos também irados quando tentavam medir nosso sucesso com base em critérios sobre os quais não tínhamos controle. Finalmente, nos aborrecia o fato de que não possuíamos instrumentos para compreender e administrar nossa ira.

Se temos de ser hábeis para processar e resolver a ira, precisamos também ser livres para desfrutar profunda intimidade familiar. Caso não seja satisfatoriamente resolvida, a ira poderá tornar-se destrutiva, dentro de nós mesmos e em nossos relacionamentos. Na melhor das hipóteses, causará um curto-circuito nas energias disponíveis para nosso crescimento, ou nos manterá em persistente baixo nível de hostilidade. Pior ainda, a ira torna-se abusiva. Mas a novidade é que podemos compreender essa emoção. Podemos conduzi-la sob a disci-



Daniel

plina do Espírito Santo, e até apreciá-la pelo que ela pode revelar a nosso respeito, canalizando sua força para o bem.

### Emoção com propósito

A ira é uma parte importante de nossa bagagem emocional. Embora todos os nossos sentimentos tenham sido infectados pelo pecado, o evangelho tem o poder de mudar nossa vida e nossas emoções. O poder de Deus agindo em nós, através do Espírito Santo, habilita-nos a conduzir nossas emoções sob o controle da razão e da consciência, e restaura o propósito original de Deus para nossa existência.

A Bíblia condena atitudes e comportamentos de ira que nascem de uma vida centralizada no *eu* e, por isso, se revelam destrutivos (Sal. 37:8; Gál. 5:19 a 21). Isso pertence ao “velho homem” que os cristãos são chamados a lançar fora (Efés. 4:31; Col. 3:8). As Escrituras tornam claro que esses comportamentos e atitudes destrutivos pertencem à vida separada de Cristo, ao passo que a *emoção* da ira, por si mesma, não o é. Efésios 4:22 a 27 sugere que o indivíduo em Cristo pode ficar irado, mas

não pecar. Nota-se uma distinção entre sentimento de ira e pecado. Devemos manter essa distinção e encontrar maneiras de canalizar positivamente a ira em nossa vida, sem nos envolvermos em seu aspecto destrutivo e pecaminoso.

“É verdade que há uma indignação justificável, mesmo nos seguidores de Cristo. Quando vêem que Deus é desonrado, e Seu serviço exposto ao descrédito; quando vêem o inocente oprimido, uma justa indignação agita a alma. Tal ira, nascida da sensibilidade moral, não é pecado. Mas os que, a qualquer suposta provocação, se sentem em liberdade de condescender com a zanga ou o ressentimento, estão abrindo o coração a Satanás. Amargura e animosidade devem ser banidas da alma, se queremos estar em harmonia com o Céu.”<sup>1</sup>

Ao estudarmos as Escrituras e os pensamentos de Ellen White, descobrimos que a ira pode ter, pelos menos, os seguintes bons propósitos:

1. *Defender o nome e a causa de Deus.* Jesus indignou-Se com a atitude e o comportamento de pessoas em relação a Deus, Seu culto e Sua casa (Mat. 21:12; Mar. 11:15; João 2:14 a 17).

2. *Demonstrar apropriada oposição à injustiça e à opressão.* Todos os seres humanos devem ser tratados com dignidade, respeito e justiça, pelo simples fato de terem sido criados à imagem e semelhança de Deus, e resgatados por grande preço, pago por Jesus Cristo. Assim, Jesus irou-Se diante da atitude e comportamento demonstrados ao homem da mão ressequida (Mar. 3:1 a 5). Neemias e Davi reagiram contra a injustiça (Nee. 5:6; II Sam. 12:5). Desconsiderar, discriminar e maltratar seres humanos inocentes e indefesos; deixar de tratar a todos com justiça, deve nos causar indignação.

3. *Suscitar a discussão de assuntos que afetem nosso senso de dignidade pessoal, respeito e valor.* A ira é um antigo sistema de alarme que protege nosso senso de valor pessoal e dignidade. Quando somos denegridos por outros, a ira saudável faz-nos rejei-

tar a avaliação distorcida feita a nosso respeito. Um autor compara isso a um alarme de incêndio ou a um barulho estranho no motor do carro, advertindo-nos de que algo está errado e precisa de atenção.<sup>2</sup> Oliver e Wright acrescenta: “[Ira] é um sistema de mensagem falando-nos que alguma coisa não está certa. Estamos magoados, nossas necessidades estão insatisfeitas, nossos direitos estão sendo violados, ou nos deparamos com alguma forma de injustiça. A ira nos diz que alguma coisa em nossa vida precisa ser discutida.”<sup>3</sup>

4. *Alertar sobre deficiências nos relacionamentos.* Quando pessoas ficam iradas entre si, antes de ver a ira como algo exclusivamente mau, necessitam encará-la como uma advertência de que existem assuntos precisando ser tratados entre as duas partes. Agindo dessa forma, certamente acabarão descobrindo que limites foram erradamente cruzados; o espaço pessoal foi invadido. Ou, talvez, alguém está

sendo manipulado ou trapaceado por outro.

5. *Limitar a aceitação do abuso.* Abuso é uma extraordinária expressão de injustiça e opressão, a exploração de um indivíduo naquilo que deveria ser um relacionamento de confiança e intimidade. A ira experimentada por um indivíduo que sofreu abuso é um seguro indicador da violação e estimula a tomada de atitudes para limitar o abuso e assegurar proteção. Por exemplo, o salmista experimentou ira ao ser injuriado e levantou a sua voz. Buscou ajuda e pediu a reparação de erros cometidos contra ele (Sal. 4; comparar com 7:1, 6 e 10; 35:1, 2, 4, 17, 23 e 24; Luc. 18:3 a 8).

#### Ameaça ao relacionamento

As pessoas, com seus variados temperamentos e experiência de vida, administram a ira de diferentes maneiras. Desabafo e repressão constituem-se maneiras típicas de reagir à ira. Por sua própria natureza, os dois modos prejudicam mais do que ajudam os relacionamentos.

---

---

## Desconsiderar, discriminar e maltratar seres humanos inocentes e indefesos; deixar de tratar a todos com justiça, deve nos causar indignação.

---

---

Desabafo é uma reação que inclui explosão verbal em tom de voz elevado, choro, gritos, intenso praguejar, insultos e ofensas. A liberação de tal atitude também pode ser física, como o ato de arremessar objetos, bater violentamente a porta ou tratamento abusivo para com animais ou pessoas. O desabafo da ira freqüentemente tem o efeito de fechar as respostas da oposição, mantendo-as a uma distância segura. Em alguns temperamentos, ele rapidamente é dissipado depois da explosão verbal ou física. Entretanto, tal ira inevitavelmente leva à alienação nos relacionamentos. É o tipo de expressão de ira mais comumente condenada pelos cristãos, por causa de seu conceito de perfeição, e pelos efeitos que causa.

Repressão significa o processo de interiorizar a ira, tornando-a menos visível. Pode ser expresso através da negação do sentimento, uma tentativa de buscar a paz a qualquer preço, ou uma atitude de “vamos esquecer isto”. Outras manifestações incluem o uso de algum disfarce para camuflar a ira, punição silenciosa, criticismo, censura, ou um comportamento passivo agressivo.

No caso de um casal conhecido nosso, o marido era muito forte e parecia querer disparar o fogo da sua ira para todo mundo ver. O motivo de sua irritação era a lentidão da esposa para observar horários. Ele, entretanto, insistia na pontualidade, ficava tirando e colocando o carro da garagem – sua maneira de fazer com que ela apressasse. Quando não conseguia bons resultados com esse método, ele passava a buzinar o veículo ininterruptamente. A resposta da esposa era também uma manifestação de aborrecimento, mas de forma passiva e agressiva. Em vez de ir para o carro, ela caminhava vagarosamente por entre as flores do seu jardim, colhendo as que haviam murchado, tirando um espinho aqui e outro ali, aspirando o aroma de suas rosas. Quando bem entendia, dirigia-se ao carro.

Ira reprimida é ira depositada. Em algum momento ela reaparecerá fortemente,

talvez com a mais insignificante provocação. Pesquisas indicam que a ira reprimida tem efeitos danosos sobre a saúde, incluindo grande incidência de doenças do coração, câncer, acidentes, suicídio e morte prematura.<sup>4</sup>

Uma vez que não manifestam as características prontamente identificáveis do desabafo, os repressores parecem repousar na falsa crença de que ou não ficam irados, ou conseguem administrar a ira de modo aceitável. Ira reprimida, entretanto, quase sempre leva, no mínimo, a um pequeno nível de hostilidade no relacionamento.

Para alguns, a ira desabafada ou reprimida pode transpor seus limites normais, podendo ser chamada de raiva. Essa ira intensa vai além daquele sentimento que poderia ser trabalhado de acordo com as circunstâncias, conforme anteriormente descrito. Ela possui características complexas, que extrapolam o

objetivo deste artigo. Bussert sugere que a socialização cultural dos homens freqüentemente os priva de respostas normais aos sentimentos: “As chamadas emoções do coração, tais como tristeza, mágoa, desapontamento, pranto, sentimentos de insuficiência e vulnerabilidade, são todas canalizadas e expressas numa única emoção – ira explosiva.”<sup>5</sup>

Oliver e Wright assinalam que a ira explosiva e o furor exibidos por homens e mulheres, na idade adulta, estão relacionados com a superproteção bem como negação e repressão da ira nos anos da infância. Não é incomum detectar sentimentos de raiva em adultos que, quando crianças, foram vítimas de abuso. Sugerimos enfaticamente que famílias pastorais busquem ajuda de um conselheiro profissional em circunstâncias que indicam raiva ou quando são verificadas outras manifestações de ira descontrolada.

#### Irar sem pecar

**E**mbara a ira seja nossa inimiga, quando permitimos sua explosão ou quando a reprimimos, pode tornar-se amiga se for sa-

---

---

## Pesquisas indicam que a ira reprimida tem efeitos danosos sobre a saúde, provocando doenças do coração, câncer, acidentes, suicídio e morte prematura.

---

---

biamente administrada. Esse processo de administração envolve alguns passos:

1. *Conhecimento da emoção.* Quem quer que faça uma abordagem positiva da ira permite que outros que a possuem falem a seu respeito, desprovido de sentimento de culpa, tão facilmente como se falassem de sentir fome ou sede. Eles concordam em jamais atacar, censurar, rebaixar ou subestimar os outros, por compreender seus sentimentos. Embora entendam que a ira pode residir em apenas um deles, firmam um compromisso de trabalhar com isso e resolver juntos o problema, quando ele surgir no relacionamento.

2. *Aproveitar o tempo de calma.* O calor da ira pode impedir a resolução de assuntos que necessitam atenção. Deixe suficiente tempo para que as emoções se acalmem. Então revise os assuntos ou eventos que estimularam a ira e discuta-os. Paciência mútua é importante. As pessoas diferem sobre quão rapidamente podem analisar essa questão. Não imagine que em virtude de a ira haver passado, os assuntos estão resolvidos. "Varrer a sujeira para baixo do tapete" somente cria uma saliência cada vez maior que eventualmente fará com que alguém tropece e caia.

3. *Ouvir os sentimentos.* Aceitação mútua e consideração pelos sentimentos do outro, embora eles nem sempre possam ser bem-compreendidos, são fatores indispensáveis na administração da ira. Geralmente a ira está envolvida por outras emoções tais como tristeza, desapontamento, mágoa, temor, frustração, ou baixa auto-estima. O ato de processá-la leva-nos de volta a essas emoções primárias. Indo além delas, podemos aprender coisas importantes sobre nós mesmos e sobre outros com os quais nos relacionamos. Podemos aclarar interpretações mal feitas, expectativas, e encontrar melhores caminhos de satisfação mútua de necessidades, respeitar limites e preservar a dignidade e o valor de cada um. Saber reconhecer e responder às mais primárias emoções, tão logo elas apareçam, pode realmente diluir muitas situações potencialmente complicadas.

4. *Buscar satisfazer as duas partes.* A ira que brota da insatisfação de necessidades não pode ser resolvida simplesmente por trazê-la à superfície da discussão. É necessária uma busca persistente de respostas que deixem cada um dos envolvidos com o sentimento de que suas perspectivas foram cor-

respondidas e suas necessidades foram satisfeitas.

5. *Trabalhar construtivamente através da ira.* No fundamento da expressão de nossa ira encontram-se, não raro, ataques ao nosso valor pessoal. A disposição para ouvir e processar os sentimentos de ira de outra pessoa pode ser afirmada quando nasce de genuíno calor humano e empatia. A segurança de que a ira, por si mesma, não torna uma pessoa má nem a remove do círculo do amor de Deus ou da família, provê conforto adicional e, freqüentemente, rápida recuperação. Busque caminhos para encorajar e fortalecer na pessoa irada, os feridos sentimentos de valor pessoal. Devido ao pecado, muitos de nós abrigamos internamente a convicção de que somos seres humanos irrecuperáveis. A ira, então, se torna um desesperado meio de proteger-nos a nós mesmos e de guardar-nos de que outros descubram a terrível verdade na qual acreditamos e a respeito da qual nos sentimos tão desajudados.

### Cristo, o restaurador

Jesus pode trazer restauração às nossas emoções danificadas. A resposta para nosso sentimento íntimo de desvalorização pode ser encontrada somente naquele que nos criou, redimiu e nos confere valor inestimável; não por causa daquilo que somos, nem por qualquer coisa que tenhamos feito, mas pelo que Ele é e faz.

Pela demonstração de uma atitude positiva para com outros, em tempos de ira, por nosso compromisso de trabalhar essa difícil emoção, por nossa disposição em sintonizar nosso coração magoado com outros corações igualmente feridos, de pessoas que nos são extremamente queridas, nós podemos ser instrumentos nas mãos de Cristo para levar a mensagem do Seu amor. Além de conquistar e manter por muito tempo a intimidade em nosso ambiente familiar.

#### Referências:

1. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 310.
2. David Mace, *Love and Anger in Marriage*. Zondervan Publishing House, Grand Rapids; 1982.
3. Gary Jackson Oliver e H. Norman Wright, *When Anger Hits Home*, Moody Press, Chicago, pág. 22.
4. Idem, idem.
5. Joy M. K. Bussert, *Battered Women: From a Theology of Suffering to an Ethic of Empowerment*, Igreja Luterana, Nova Iorque, págs. 44 e 45.

# I JORNADA BRASILEIRA DE PSICOLOGIA DO ACONSELHAMENTO CRISTÃO

**LOCAL:** Instituto Adventista de Ensino  
(Campus Santo Amaro)

**DATA:** 22 a 25 de janeiro de 1998

- TEMAS:**
- ☛ O ministério do aconselhamento cristão
  - ☛ Família: saúde, crise e aconselhamento
  - ☛ Elaboração de perdas
  - ☛ Reconciliação e perdão
  - ☛ Adolescência e juventude: enigmas, desafios e confrontos
  - ☛ Estou só. E agora?
  - ☛ Resolvendo conflitos
  - ☛ Negar-se e temer, sem resolver

**PRELETORES:** José Cássio Martins (Brasil)  
Ada Luz González (EUA)  
Jorge Maldonado (Colômbia)  
Mario Pereyra (Argentina)  
Emílio Garcia-Marenko (EUA)  
Belisário Marques (Brasil)  
Héctor Betancourt (EUA)

**PROMOÇÃO E REALIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO  
MINISTERIAL DA DIVISÃO SUL-AMERICANA,  
EM CONVÊNIO COM O IAE**

**FAÇA SUA INSCRIÇÃO:** TELEFONE (011) 5511-4011;  
FAX (011) 5511-9761; ou Caixa Postal 12630,  
CEP 04798-970 - São Paulo, SP

**VAGAS LIMITADAS**

## BIBLIOTECA DO PASTOR



**EXAMINAI AS ESCRITURAS** – J. Sidlow Baxter, *Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, São Paulo, SP*; seis volumes.

Através de um estudo sistemático e progressivo, o Dr. Baxter examina a Palavra de Deus numa série de lições básicas e amplamente interpretativas, abrangendo todos os livros da Bíblia. Não se trata de um comentário versículo por versículo, nem é também uma série de esboços. Antes, é um completo panorama de eventos, lugares e pessoas que compõem a história bíblica. Pastores, seminaristas, professores e estudantes da Bíblia em geral, encontrarão aqui uma fonte de material para mensagens e estudo particular.



**DISCIPLINAS PARA UM CORAÇÃO FAMINTO** – Paulo Stevens, *Press Abbas, São Paulo, SP*; 227 páginas.

O leitor descobrirá que ser uma pessoa segundo o coração de Deus, como foi Davi, tem pouco a ver com nossos sistemas eclesiais convencionais, e tudo a ver com uma profunda, íntima e sincera entrega do ser humano ao controle do Espírito Santo. A retomada de alguns dos antigos valores e princípios da espiritualidade, tais como contemplação, oração, santidade e disciplinas espirituais, indica como achar a Deus no que é diário e cotidiano, e não no que é especial e excepcional.



**PASTORES AINDA EM PERIGO** – Jaime Kemp, *Editora Sepal, São Paulo, SP*; 117 páginas.

Utilizando personagens e contextos bíblicos, o Pastor Jaime Kemp aborda temas como tradicionalismo, amizades do pastor, liderança, anorexia espiritual, etc. O objetivo não é apontar dedos a terceiros, mas sim um sincero compartilhar de vida, com ressonância ao conhecido de muitos, como também um encorajamento ao colega em suas lutas. De pastor para pastor, falando a mesma linguagem, você é convidado a caminhar por estas páginas com mente e coração abertos.



**A MÚSICA NA IGREJA** – Donald P. Hustad, *Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, São Paulo, SP*; 310 páginas.

Nas igrejas evangélicas atuais, talvez a música seja o componente menos planejado dos cultos, embora quase todos concordem que ela tem um papel muito importante na adoração. O livro *A Música na Igreja* é uma tentativa séria de desenvolver uma filosofia funcional e pragmática para os músicos eclesiais de hoje. O autor traz o seu conhecimento profundo de dois mundos diferentes: o da música artística e o da música evangélica tradicional. Trata de tensões e preconceitos que existem entre indivíduos e grupos, baseados em diferentes gostos e conceitos quanto à música eclesial.